

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC (FN) FERNANDO CAVALCANTI DA SILVA JUNIOR

O COMBATE URBANO FACE À GUERRA HÍBRIDA:
a experiência israelense na Faixa de Gaza

Rio de Janeiro

2021

CC (FN) FERNANDO CAVALCANTI DA SILVA JUNIOR

O COMBATE URBANO FACE À GUERRA HÍBRIDA:
a experiência israelense na Faixa de Gaza

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CMG (FN) Glaucio.

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2021

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por ter sido meu guia e farol no cumprimento de minha missão em vida e por permitir que eu chegasse até aqui.

À minha esposa Marilis amor de minha vida, pelo apoio nesses dois anos de dedicação aos estudos e compreensão pelos períodos de ausência.

Aos meus filhos Fernanda e Luís Felipe pelo carinho fraterno e os sorrisos pueris que me deram forças em mais essa caminhada.

Aos meus companheiros da turma CEMOS 2021, tanto os antigos quanto os novos, pela amizade e companheirismo que aliviaram as dificuldades do caminho.

Ao meu orientador CMG (FN) GLÁUCIO, pelas sinceras orientações que me motivaram a buscar os melhoramentos deste trabalho.

Por fim ao CF (RM-1) NAGASHIMA, por todos os ensinamentos transmitidos ao longo do ano e pela atenção e disponibilidade de suas orientações que tanto me serviram para chegar ao fim desta dissertação.

RESUMO

Ao longo da história da civilização humana, as cidades vêm representando a chave do desenvolvimento econômico, centros de poder, inovação e cultura das nações. O processo crescente de urbanização das faixas litorâneas torna cada vez maior a importância das cidades costeiras pela influência que exercem sobre o mar. Sendo assim, o emprego de uma força naval, por intermédio de projeção de poder dentro desses centros urbanos, torna-se o cenário cada vez mais provável. Entretanto, a complexidade desse tipo de ambiente exige preparo, planejamento e execução específicos para esse tipo de operação terrestre. No cenário mundial atual, após o fim da bipolaridade entre EUA e a ex-URSS, surgiram conflitos cada vez mais complexos, com destaque para o aparecimento de atores estatais ou não, de características híbridas. A particularidade dessas ameaças é o emprego de táticas convencionais e irregulares, terrorismo, associação ao crime e uso de tecnologias avançadas. O objetivo deste trabalho é verificar se houve alinhamento entre a Doutrina de Operações Militares em Áreas Urbanas do Corpo de Fuzileiros Navais do Brasil e as ações militares de Israel em 2014, no que tange a Guerra Híbrida. Utilizando-se os conceitos de Hoffman (2007) acerca da Guerra Híbrida, além do desenvolvimento teórico do assunto, é realizada uma análise das características, capacidades e métodos de atuação dessas organizações. De forma a auxiliar essa síntese doutrinária, foi estudada a Operação *Protective Edge*, que colocou Israel frente ao Hamas, em mais um episódio bélico na Faixa de Gaza. Diante da ofensiva israelense num ambiente urbano complexo, frente a um oponente híbrido, foi confirmada a superioridade da defensiva sobre a ofensiva, além da anulação da vantagem tecnológica do atacante. Ademais, outras frentes de batalha tornam-se tão importantes quanto o combate terrestre, como a área jurídica e informacional, este último destacando-se as operações cibernéticas, psicológicas e de comunicação social. A pesquisa nos permitiu concluir que as considerações inerentes ao combate e apoio ao combate, encontram referencial doutrinário, porém ainda é necessário tratar com maior ênfase as componentes da Dimensão Informacional: física, lógica e cognitiva

Palavras-chave: Operações Militares em Áreas Urbanas. Ameaça Híbrida. Guerra Híbrida. Hamas.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AP	Autoridade Palestina
ApAeAprx	Apoio Aéreo Aproximado
ApCmb	Apoio ao Combate
ApSvCmb	Apoio de Serviços ao Combate
ARP	Aeronave Remotamente Pilotada
AssCiv	Assuntos Cíveis
C2	Comando e Controle
CFN	Corpo de Fuzileiros Navais do Brasil
Cmb	Combate
CRI	Capacidades Relacionadas a Informação
DIH	Direito Internacional Humanitário
EI	Exército Israelense
EUA	Estados Unidos da América
FAI	Força Aérea Israelense
FDI	Forças de Defesa Israelense
FPLP	Frente Popular de Libertação da Palestina
GE	Guerra Eletrônica
GptOpFuzNav	Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais
IGM	1ª Guerra Mundial
IIGM	2ª Guerra Mundial
JI	Jihad Islâmica
LCM	Linhas de Comunicação Marítima
MI	Marinha Israelense
OMAU	Operações Militares em Áreas Urbanas
Op Psco	Operações Psicológicas
UNRWA	<i>United Nations Relief and Works Agency for palestine refugees</i>
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	06
2	O PODER NAVAL E O AMBIENTE URBANO	09
2.1	O AMBIENTE URBANO.....	10
2.2	O COMBATE URBANO.....	12
3	GUERRAS E AMEAÇAS HÍBRIDAS	18
3.1	A GUERRA HÍBRIDA.....	18
3.2	AMEAÇAS HÍBRIDAS.....	20
3.3	MÉTODOS DE ATUAÇÃO DAS AMEAÇAS HÍBRIDAS.....	22
4	AS GUERRAS DE GAZA	25
4.1	A FAIXA DE GAZA.....	25
4.2	O HAMAS.....	26
4.3	A EVOLUÇÃO DO CONFLITO.....	27
4.4	A OPERAÇÃO <i>PROTECTIVE EDGE</i>	29
4.5	OUTRAS FRENTES DE BATALHA.....	35
5	SÍNTESE DOCTRINÁRIA	38
5.1	ASPECTOS DA DOCTRINA DE COMBATE URBANO.....	38
5.2	ASPECTOS DA TEORIA DE GUERRA HÍBRIDA.....	42
5.3	O COMBATE URBANO E A GUERRA HÍBRIDA.....	44
6	CONCLUSÃO	47
	REFERÊNCIAS	50
	ANEXO A – INSTRUMENTOS E MÉTODOS DAS AMEAÇAS HÍBRIDAS	53
	ANEXO B – O PLANEJAMENTO DA OPERAÇÃO <i>PROTECTIVE EDGE</i>	54
	ANEXO C – CAPACIDADES NÃO CONVENCIONAIS DO HAMAS	55

1 INTRODUÇÃO

No clássico livro de estratégia militar chinesa, *A Arte da Guerra*, de *Sun Tzu*, já se falava sobre as dificuldades de se atacar cidades. Há mais de cinco séculos antes de Cristo, o General chinês já demonstrava suas preocupações e análises sobre essa complexa operação. Seus ensinamentos eram claros quanto a se evitar sitiá-las. O tempo gasto com a preparação de abrigos, acampamentos e armas de sítio era longo demais e ainda demandava amplos recursos. Caso a preparação fosse insuficiente, um general ao lançar suas tropas contra uma cidade veria um terço de seus homens sucumbirem, sem que ele a conquistasse. Entretanto, o comandante habilidoso subjuga o inimigo sem lutar e derruba seus reinos sem extensas batalhas. Tudo através do conhecimento do inimigo e do terreno e da manobra eficiente de seus exércitos.

Após o crescimento dos exércitos no final do século XIX e o aumento do poder de fogo das armas portáteis, o pensamento do grande general chinês parece ter sido modificado no decorrer do tempo. A Guerra Civil Espanhola (1936-1939), a invasão alemã na ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), na 2ª Guerra Mundial (IIGM) e as campanhas estadunidenses no Afeganistão e Iraque, são alguns exemplos de campanhas, com combates no interior de cidades. Ao longo da história da civilização humana, as cidades vêm sendo o motor do desenvolvimento econômico, centros de poder, inovação e cultura das nações. Por esses motivos, são vistas pelos grandes estrategistas como verdadeiros centros de gravidade que deveriam ser conquistados ou defendidos em tempos de conflito.

No âmbito das operações terrestres, as Operações Militares em Áreas Urbanas (OMAU) possuem cada vez mais protagonismo, dada a importância estratégica dos centros populacionais e os desafios para sua execução. Um primeiro desafio seria a possibilidade desse tipo de operação, desenvolver ações inseridas num contexto de Guerra Naval, Emprego

Limitado da Força ou em Atividades Benignas.¹ Um segundo seria a complexa geografia do terreno urbano que impõe ao atacante limitações de mobilidade, observação, coordenação e apoio de fogo. Um terceiro desafio é definido pelo próprio oponente que aproveitando-se das características do terreno, conseguirá equalizar um menor poder de combate frente a um adversário mais poderoso. Principalmente se levarmos em consideração a existência de grupos assimétricos ou híbridos, com capacidades e organização, equivalentes a de exércitos convencionais.

O propósito desse trabalho é analisar se a Doutrina de OMAU do Corpo de Fuzileiros Navais do Brasil (CFN) possui aderência ao modelo teórico de Guerra Híbrida. Pela falta de experiências reais contra esse tipo de ameaça no CFN, será utilizada como modelo comparativo, a experiência israelense na Faixa de Gaza. Sendo assim será utilizada a seguinte hipótese de pesquisa, a qual será tomada como verdadeira: Houve alinhamento entre a Doutrina de OMAU do CFN e as ações militares de Israel em 2014, no que tange a Guerra Híbrida? Para tanto, foi realizada pesquisa documental de manuais operativos, artigos acadêmicos e militares, que serviram como fontes primárias e secundárias sobre o assunto. O trabalho está dividido em quatro seções, além de uma introdução e conclusão.

Na primeira seção será apresentado o embasamento teórico a respeito do Ambiente Urbano e a complexidade das operações militares desenvolvidas. Tendo por base o manual CGCFN-401 – Manual de Operações Militares em Ambiente Urbano de Fuzileiros Navais, será apresentado as considerações doutrinárias sobre a geografia urbana, a preparação, o planejamento, além da coordenação e controle, particulares para esse tipo de operação.

Na segunda seção será apresentada a teoria de Guerra Híbrida, popularizada por Frank G. Hoffman (2007). Utilizando-se de outros trabalhos acadêmicos, serão identificadas e

¹ Cenários de aplicação do poder Naval (BRASIL, 2017).

enriquecidas as características dessas ameaças, bem como seu amplo modo de atuação. Características importantes desses grupos que não apenas direcionam suas ações contra o componente militar, mas também contra outros componentes de um Estado antagônico.

Na terceira seção será descrito um breve histórico das operações militares das Forças de Defesa de Israel (FDI) na Faixa de Gaza. Região de grande visibilidade, por compor junto com a Cisjordânia, o reduto do Povo Palestino, constantemente atingida por guerras, desde a criação do Estado de Israel. Com a ascensão do Hamas a partir do século XXI, o conflito entre palestinos e israelenses, tomou outro rumo. De forma a enriquecer a análise do trabalho, será dada ênfase na Operação *Protective Edge*, ocorrida em Gaza, em meados de 2014. A operação retrata bem os desafios do combate urbano moderno frente a complexidade de se combater um ator híbrido.

Na quarta seção serão correlacionados os conhecimentos levantados na primeira e segunda seção, respectivamente sobre a doutrina de OMAU e a teoria de Guerra Híbrida, com as ações de Israel descritas na terceira seção. Comparando a teoria com a realidade poderemos levantar argumentos que fundamentem a questão de pesquisa, comprovando ou não a capacidade da doutrina atual de se contrapor a essas organizações híbridas.

Finalmente, na última parte do trabalho, será apresentada uma conclusão, reunindo os principais aspectos dessa pesquisa. A partir da síntese doutrinária, apoiada em eventos reais e atuais, será possível ressaltar pontos de importância para o planejamento, preparação e execução das capacidades necessárias ao sucesso das OMAU.

2 O PODER NAVAL E O AMBIENTE URBANO

O Poder Naval, como parte da expressão militar do Poder Nacional, é constituído por meios navais, aeronavais e de fuzileiros navais, além de outras estruturas de apoio, logísticas e de comando e controle. Dessa forma, o Poder Naval se encontra apto a atuar no mar, em águas interiores, além de limitadas áreas terrestres de interesse para as operações navais, incluído o espaço aéreo sobrejacente (BRASIL, 2017).

A população mundial, constantemente, vem aumentando e se estabelecendo em grades centros urbanos. O ano de 2008 representou o marco onde mais de 50% da população mundial estava vivendo em cidades. Em 1900, esse percentual era de apenas 13%, em 1950 representava 30%, sendo que por volta de 2050 é estimado em mais de 65%. Grande parte desse crescimento se dará na África e na Ásia, destacando-se a China, Índia e Nigéria, somando 37% desse crescimento.² Vale destacar que Nigéria, bem como outros países da costa oeste africana, se encontram no entorno estratégico brasileiro.

Além do crescimento urbano, cerca de 40% da população mundial, vive a menos de 100km da costa.³ Outro fato relevante é que cerca de 80% do comércio internacional de produtos é realizado por via marítima.⁴ A partir desses fatos, pode ser deduzida a grande importância das faixas litorâneas e a influência que exercem sobre o mar. Dessa forma, destacam-se as Linhas de Comunicação Marítimas (LCM), os pontos de estrangulamento geográficos (golfs, estreitos, penínsulas etc.), além das áreas terrestres com seus portos, áreas de apoio e cidades.

Tendo como foco as áreas terrestres litorâneas, a tarefa básica do Poder Naval de Projetar poder sobre Terra, destaca-se sobre as demais.⁵ Para cumprir com essa tarefa, deverá

² UNHABITAT, 2020, p. 11.

³ THE OCEAN CONFERENCE, 2017, p. 1.

⁴ UNCTAD, 2020, p.1.

⁵ De acordo com o EMA-305, são tarefas do Poder naval: Negar o uso do mar ao inimigo, Controlar áreas marítimas, Projetar poder sobre terra e Contribuir para a dissuasão (BRASIL, 2017).

existir uma Força Naval, composta por meios navais e aeronavais além de um Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais (GptOpFuzNav)⁶ embarcado, os quais serão denominados, em conjunto, de Conjugado Anfíbio. Tendo como fator importante a versatilidade⁷, poderão ser empregados vários tipos de operações de guerra naval como as operações de ataque, anfíbias e as terrestres de caráter naval.

O processo crescente de urbanização das faixas litorâneas, torna cada vez maior a probabilidade de emprego de uma força militar em torno de epicentros políticos, econômicos, sociais e culturais.⁸ Para os GptOpFuzNav, estando embarcados ou não, torna-se primordial o desenvolvimento da doutrina, instrução e adestramento para encarar para o combate em ambiente urbano, principalmente quando se justificar o controle, conquista ou manutenção de algum objetivo em seu interior.

2.1 O AMBIENTE URBANO

Cada cidade é única pelo fato de sua criação e expansão, ao longo do tempo, ter respeitado questões históricas, políticas, culturais e sociais. Portanto em cada país ou região haverá concentrações populacionais que irão variar em número, densidade e nível de infraestrutura.⁹ Assim serão criadas pequenas a grandes cidades, contendo uma diversidade enorme de culturas, grupos sociais, religiões e associações políticas. A dimensão humana, em especial é que representa a verdadeira essência do ambiente urbano.¹⁰

⁶ O GptOpFuzNav é uma organização para o combate, nucleada por tropa de Fuzileiros Navais, constituída para o cumprimento de missão específica e estruturada segundo o conceito de componentes, e que reúne os elementos constitutivos de acordo com a natureza de suas atividades (BRASIL, 2020a).

⁷ A Versatilidade, característica do Poder Naval, permite alterar a postura militar, mantendo a aptidão para executar uma ampla gama de tarefas. Isto inclui os diferentes níveis de prontidão exigidos pelos vários cenários, as capacidades de operar, ofensiva ou defensivamente, contra alvos nos ambientes aéreo, submarino, de superfície, terrestre e cibernético, além de poderem participar de operações singulares ou conjuntas, bem como multinacionais (BRASIL, 2017).

⁸ BRASIL, 2020c, p. 1-1.

⁹ KONAIEV, 2019, p. 25.

¹⁰ EUA, 2013, p II-5.

A complexidade do combate urbano frente aos demais tipos de terrenos, materializa-se pela grande assimetria de suas estruturas e edificações, seja pelo tamanho ou dispersão. Desse arranjo físico seguem-se limitações de observação e movimentação, o que resultará na diminuição da distância entre as tropas oponentes e os seus engajamentos. Outra consequência da heterogeneidade do terreno será a restrição do uso de alguns equipamentos (como rádios, GPS etc.), bem como o eficiente uso do apoio de fogo e do apoio aéreo. Logo fica evidente que uma força atacante, mesmo com um nível tecnológico superior, ficaria em desvantagem em relação ao defensor, que estaria em melhores condições de aproveitar as características defensivas de uma localidade (BRASIL, 2020c).

Todos esses fatores em conjunto, quais sejam a natureza, características da população e sua infraestrutura, correspondem ao aspecto predominante do ambiente urbano.¹¹ Sendo assim, torna-se necessário o planejamento centralizado desse tipo de operação, com sua execução o mais descentralizada possível. Isso implica em maiores níveis de treinamento, métodos de controle e sincronização da manobra no terreno. O desenvolvimento do combate é influenciado pelo desempenho individual, as técnicas e táticas das pequenas frações e a capacidade de influência do comandante na manobra.¹² O número de construções, posições de tiro, vias de acesso, combatentes e não combatentes, eventuais forças amigas, além do curto alcance dos inúmeros combates, definem a complexidade desse tipo de operação terrestre.

As OMAU variam muito em termos de objetivo, tarefas e intensidade. Essas diferenças irão impactar nas táticas e técnicas que atacantes e defensores irão utilizar. A variação dos meios e métodos fará variar a intensidade do combate, que eventualmente irá atingir a população civil. A presença da população local, na área de operação, irá demandar o uso da força de modo mais preciso, no intuito de reduzir o dano colateral. Particularmente para as forças convencionais, isso representará a limitação de uso de meios de apoio ao

¹¹ EUA, 2013, p. II-2.

¹² BRASIL, 2020c, p. 1-2.

combate (ApCmb)¹³, como blindados, artilharia e aviação. Além disso, deverá haver regras de engajamento claras, que orientem a utilização desses meios. Isso tudo em prol do sucesso da operação e manutenção do apoio local (KONAEV, 2019).

Em consequência dessas situações, geram-se outras demandas em outros ambientes como o político e informacional. Uma operação desse tipo pode ser altamente influenciada por agentes externos, que demandem o acompanhamento das interferências políticas, da mídia e opinião pública. Esse acompanhamento será o objeto das Operações de Informação (Op Info), responsáveis pelo emprego integrado das Ações de Guerra Eletrônica, Defesa Cibernética, Comunicação Social e Assuntos Cíveis.¹⁴ Contribuindo para o acompanhamento das informações, a Atividade de Inteligência, será fundamental para o levantamento das características físicas da área de operações, capacidade da força oponente e o grau de apoio da população. Todas essas atividades tornam-se cruciais para o sucesso das ações no terreno, nesse tipo de operação.¹⁵

2.2 O COMBATE URBANO

O manual CGCFN-1-5 (2020b), de Operações Terrestres de Caráter Naval, cita que ofensiva significa atacar, explorar as fraquezas do inimigo e manter a iniciativa. Partindo desse princípio as operações ofensivas visam a alcançar um ou mais dos seguintes propósitos: destruir forças ou material inimigo, conquistar áreas ou pontos capitais do terreno, fixar um inimigo em posição, obter informações, privar o inimigo de recursos ou desviar sua atenção.

¹³ Para o cumprimento de uma missão, uma força realiza diversas atividades que são classificadas como de combate (Cmb), apoio ao combate (ApCmb) e de apoio de serviços ao combate (ApSvCmb). Esse estudo se limitará na análise da Atividade de Combate, destinada à realização de operações ofensivas e defensivas que exigem contato direto com o oponente, como desempenhada pela infantaria. Além das atividades de ApCmb, destinadas a proporcionar apoio de fogo, apoio ao movimento, apoio de C2 e de proteção à uma força (BRASIL, 2020a).

¹⁴ BRASIL, 2020d, p. 193.

¹⁵ BRASIL, 2020c, p. 2-4.

Ao se ter em mente uma ofensiva terrestre, a referência principal desse tipo de operação é o Ataque Coordenado. Essa operação é caracterizada pelo emprego coordenado da manobra e do fogo para cerrar sobre o inimigo, de forma a neutralizá-lo ou destruí-lo. Normalmente é empregado contra posições inimigas organizadas ou fortificadas, necessitando de adequado apoio de fogo (BRASIL, 2020b).

O ataque para se conquistar um objetivo dentro de uma localidade, é conduzido de forma semelhante a execução de um ataque coordenado em terreno não urbanizado. Devido às suas construções, o movimento da tropa tenderá a ser escoado por entre as vias de transporte, como ruas e vielas, atentando para as regiões mais protegidas. Em apoio a esse movimento, poderão ser empregadas armas de tiro curvo, como morteiros e artilharia. Essas armas de apoio serão empregadas para abrir passagens, neutralizar posições defensivas, ou até mesmo dificultar a observação inimiga.

De acordo com o CGCFN-401 (2020c), a execução de uma operação em ambiente urbano, respeita tarefas essenciais que se diferenciam pelo grau de controle sobre a localidade. Dentre as tarefas relacionadas¹⁶, destacam-se duas: “Conquistar e/ou Defender” e “Controlar”. A primeira, por apresentar um alto grau de controle, resultará em combates intensos e prolongados. A segunda, com grau de controle menor que a conquista, é caracterizado pela seletividade dos locais de atuação e sua temporariedade. A tarefa de controlar, é orientada para se obter um mínimo de segurança para utilização de uma localidade, por nossas tropas e a consequente negação de seu uso pelo inimigo.

O requisito principal para cumprimento das tarefas de uma OMAU é isolar o adversário dentro da localidade, de forma a cortar seu apoio, liberdade de movimento e reforço por outras forças.¹⁷ Esse fundamento é visualizado na divisão de uma OMAU em três

¹⁶ São outras tarefas essenciais de uma OMAU: Destruir, Isolar e Resgatar (BRASIL, 2020c).

¹⁷ KONAIEV, 2019, p. 31.

fases, que servem para bem caracterizar esse tipo de manobra e diferenciá-la dos outros tipos de ofensiva:

- Isolamento: cerco do perímetro externo da localidade, controlando seus principais acessos e acidentes geográficos que o dominam. De forma mais eficaz, será realizado por ocupação física e/ou lançamento de patrulhas e em menor grau pela observação e condução de fogos de apoio;¹⁸

- Avanço: movimento dos elementos de assalto para a conquista de objetivos iniciais na orla da localidade. A principal contribuição tática dessa fase está no esforço para retirar ou dificultar a observação terrestre do inimigo bem como a supressão de seus fogos. Normalmente há grande emprego de elementos de apoio ao combate, como aeronaves, armas de tiro curvo, blindados e engenharia. As vias de acesso (avenidas, ruas e vielas) que melhor propiciem melhores cobertas e abrigos, deverão ser priorizadas para um movimento mais seguro da tropa, no interior da área urbana; e¹⁹

- Limpeza: Caracterizada por grande descentralização da tropa, em ações de limpeza casa a casa, através do interior da localidade. É a fase mais perigosa da operação, evidenciada pelo caráter tridimensional da área urbana, com suas edificações, túneis, bueiros, sótãos e porões. O inimigo pode se encontrar tanto na frente ou ao redor da tropa atacante, inclusive acima ou abaixo.²⁰

As OMAU caracterizam-se por serem operações com diversas armas combinadas. Elas irão demandar o uso de grande número de tropas de infantaria²¹, apoiadas por blindados leves e pesados, armas de trajetória curva, como morteiros e artilharia, além de apoio aéreo.²² Todas os meios deverão operar em conjunto com o propósito de facilitar a manobra terrestre,

¹⁸ BRASIL, 2020c, p. 4-6.

¹⁹ Ibid, p. 4-7.

²⁰ Ibid, p. 4-7.

²¹ De acordo com a doutrina soviética, logo após a IIGM, a vantagem do atacante nas OMAU deve variar entre 4:1 e 6:1. Na Primeira Guerra da Chechênia (1994-1995), a vantagem russa de 5:1, se mostrou insuficiente (OLIKER, 2001, p. 6).

²² KONAEV, 2019, p. 32.

aumentando a sobrevivência das forças atacantes. Contudo o uso dos apoios deve ser sempre balanceado com a vantagem militar almejada, principalmente pelo rastro de destruição e dano colateral que produzem. As possibilidades e limitações no uso dessas armas devem ser conhecidos para o sucesso desse tipo de operação.

O apoio aéreo pode ser visualizado no emprego de aeronaves de asa rotativa e fixa. As de asa rotativa poderão aumentar a mobilidade da tropa atacante, permitindo uma rápida infiltração em vários pontos da área de operações. O Apoio Aéreo Aproximado (ApAeAprx), tanto por aeronaves de asa fixa ou rotativa, é extremamente complexo de se executar, devido aos combates aproximados e a maior dispersão da tropa no terreno. A precisão das armas e munições utilizadas é de extrema importância para limitar a incidência de danos colaterais à população e as construções. Esse tipo de apoio exigirá um eficiente sistema de identificação de alvos, bem como da localização e comunicação com as tropas em terra.²³ A Primeira Guerra da Chechênia retratou bem essa dificuldade de coordenação e execução do apoio aéreo. Ao final do conflito, observou-se que cerca de 60% do total de baixas russas, foram ocasionados pelo apoio aéreo russo.²⁴

As Aeronaves Remotamente Pilotadas (ARP), encontram grande contribuição nas ações de reconhecimento e vigilância, observação do apoio de fogo e até mesmo em complemento as tarefas de ApAeAprx.²⁵ Os dados gerados pelos seus sensores, além de aumentar a consciência situacional dos diversos escalões e frações, contribuem para reduzir a limitação de observação, imposta pelas construções.²⁶ As tropas estadunidenses fizeram grande uso dessa plataforma, durante a ocupação do Iraque. Na Batalha de *Sadr City*, em

²³ BRASIL, 2020c, p. 6-1.

²⁴ OLIKER, 2001, p. 16.

²⁵ BRASIL, 2020c, p. 6-5.

²⁶ EUA, 2018, p. 4-1.

2008, o uso dos ARP não se limitou apenas ao reconhecimento, mas teve grande contribuição no apoio de fogo, demonstrando assim sua versatilidade de emprego.²⁷

Em relação às Armas de Tiro Curvo, aqui incluídas a artilharia e os morteiros, encontrarão grande emprego na ofensiva, particularmente no isolamento da localidade. Servirão para interditar e cortar de linhas de comunicação, vias de acesso e de retirada inimiga. Entretanto, de forma similar ao apoio aéreo, seu uso pode colocar em risco a tropa atacante, bem como produzir danos colaterais. A dificuldade de observação demandará grande esforço na coordenação com os elementos de assalto. Os morteiros, por serem armas menores e mais leves, destacam-se mais nas tarefas de apoio cerrado as tropas em primeiro escalão. Entretanto apresentam como desvantagem, poder de fogo mais reduzido do que as granadas de artilharia (BRASIL, 2020c).

O uso de Blindados, é crucial para o sucesso de uma operação ofensiva, pela proteção blindada, apoio de fogo e ação de choque. Entretanto, a conformação da área urbana poderá limitar seu emprego, seja pelo espaço disponível nas ruas ou pela existência de obstáculos no terreno. Isso será refletido pela limitação da observação, redução dos campos de tiro, velocidade reduzida no avanço e vulnerabilidade às ações do inimigo.²⁸ Contudo os pontos positivos pesam mais que os negativos ao se utilizar esse tipo de plataforma. O uso extensivo de carros de combate e blindados de transporte de tropa, foram o grande diferencial de sucesso na Batalha de *Sadr City*, contra os insurgentes iraquianos. Seu uso é muito mais efetivo como multiplicador do poder de combate e proteção da tropa, se comparado com a artilharia e o apoio aéreo, além de produzir menos dano colateral.²⁹

A Engenharia ganha importância nas ações de mobilidade e contra mobilidade. As operações em áreas urbanas tendem a produzir muitos escombros que irão atrapalhar a movimentação da tropa atacante, bem como facilitar as ações defensivas inimigas. Dessa

²⁷ JOHNSON; WADE; SHANNON, 2013, p. 2.

²⁸ BRASIL, 2020c, p. 6-11.

²⁹ JOHNSON; WADE; SHANNON, 2013, p. 108-109.

forma, essa arma pode ser empregada na remoção de obstáculos, desativação de artefatos explosivos e abertura de passagens para o movimento dos elementos de assalto.³⁰ Outro emprego visualizado da Engenharia, é em ações de apoio humanitário, de forma a conquistar o apoio local. Após a Batalha de *Sadr City*, as tropas estadunidenses foram empregadas no restabelecimento de serviços básicos e no reparo da infraestrutura local.³¹ O emprego de elementos de apoio ao combate ganha assim uma nova perspectiva, ao contribuir não só para o combate terrestre, mas também para angariar a aprovação da população local.

³⁰ BRASIL, 2020c, p. 6-14.

³¹ JOHNSON; WADE; SHANNON, 2013 p. 90-91.

3 A GUERRA HÍBRIDA

A queda do Muro de Berlim, em 1989 e o fim da URSS, em 1991, puseram um fim no sistema bipolar mundial. Entretanto, a nova ordem mundial que se estabeleceu, agora polarizada em torno dos Estados Unidos da América (EUA), não resultou no fim dos conflitos mundiais. Novos atores, estatais ou não, apareceram no cenário internacional, iniciando assim uma nova revolução e significado aos conflitos do século XXI.

De acordo com Hoffman (2007), os atentados terroristas da década de 1990, como os ataques às embaixadas americanas do Kenya e Tanzânia, além do 11 de setembro de 2001, iniciaram uma nova era nos conflitos modernos. A organização fundamentalista islâmica *Al-Qaeda*, deu início à ataques contra os símbolos econômicos e políticos estadunidenses. A estratégia de terror dessa organização, representou uma nova forma de se alcançar interesses políticos, sem o uso de uma força militar convencional.

Decorrentes dessas ações, foram desdobradas as campanhas do Afeganistão e Iraque do século 21. Esses conflitos serviram para chamar atenção a um novo tipo de oponente no campo de batalha. Um muito mais imprevisível, cheio de vontade e organizado, e que tem evoluído com os conflitos que tomam parte ou que tomam conhecimento. Desse aprendizado se originam novas táticas, novas formas de guerra e tecnologias, que serão todas trazidas ao mesmo tempo numa batalha, marcando o caráter híbrido dessa nova forma de lutar (HOFFMAN, 2007.)

3.1 ESTRATÉGIA DA GUERRA HÍBRIDA

A Guerra Híbrida é descrita por Hoffman (2007) como: “um modo de se fazer guerra que inclui capacidades convencionais, formações e táticas irregulares, atos terroristas, de violência indiscriminada, coerção e criminalidade.” Pode ser simplesmente entendida

como uma mistura de táticas de guerra regular e irregular, financiadas por fontes diversas. A partir desse princípio, podem ser executadas operações de guerrilha, atividades criminosas, atos terroristas, além de ações sociais e humanitárias de forma a conquistar o apoio da população local.

Esse tipo de guerra não corresponde simplesmente ao modo de atuação de atores não estatais, mas inclusive pode ser conduzido por Estados. O próprio conceito russo de “Conflito Não Linear” é um exemplo disso. É baseado no emprego de forças convencionais, irregulares em conjunto com manobras políticas, econômicas, psicológicas, além de ataques cibernéticos.³² De fato, foi o instrumento que a ex-URSS encontrou para confrontar adversidades, quando não foi possível usar forças militares convencionais. De forma embrionária, essa tática foi utilizada de certa forma nas intervenções na Hungria, em 1956 e na ex-Tchecoslováquia, em 1968. Para abafar as manifestações populares, os soviéticos usaram a denominação de operação de paz, como desculpa para infiltrar tropas e restabelecer seu controle nesses países.³³

A complexidade da estratégia de emprego híbrido, se torna ainda maior se executada dentro da esfera urbana. As características defensivas do terreno atreladas às táticas e métodos não convencionais de guerra tornam ainda mais desafiante o conflito para uma força atacante. Maior se torna, a chance de sucesso de reduzir a superioridade tecnológica e de combate dessa força, frente a um adversário inferior

Como visto no Kosovo, Afeganistão e Iraque, forças irregulares constantemente adotam táticas e técnicas para reduzir a capacidade ofensiva, de inteligência, vigilância e segurança de uma força em controle de uma área urbana. A densidade urbana de uma localidade proporciona abrigo a grupos guerrilheiros ou terroristas, onde a demografia, redes

³² BALL, 2019.

³³ BRISTOL, 2021.

de transporte, serviços públicos e infraestrutura proporcionam múltiplas vias de escape, além de esconderijos onde podem planejar e treinar suas ações em segurança (HOFFMAN, 2007.)

3.2 ORGANIZAÇÕES HÍBRIDAS

Como as guerras modernas não são mais declaradas, a estratégia de emprego híbrido cada vez mais será utilizada nos conflitos futuros. Mesmo que Estados recorram a esse tipo de estratégia, seu emprego por atores não estatais se torna ainda bem mais complexo. Organizações como o Hamas e Hezbollah, antes vistas apenas com organizações terroristas, hoje já são vistas como atores híbridos.³⁴ Pelas capacidades e organização que vêm sendo construídas por ambas ao longo do tempo, torna-se mais difícil combater esses grupos. Observa-se em suas ações uma linha tênue entre o que é convencional ou irregular, o combatente do não combatente.

De acordo com Hoffman (2007), o termo híbrido engloba tanto a estrutura de uma organização quanto seus meios. Em termos organizacionais, as ditas ameaças híbridas podem possuir uma estrutura política hierarquizada, altamente fragmentada em células dispersas no terreno para execução de suas ações. Em termos de meios, o caráter híbrido se dará tanto na forma quanto no seu emprego. São assim utilizados, desde simples dispositivos explosivos improvisados, armas anticarro e mísseis antiaéreos ou até mesmo sistemas de comunicação criptografados e computadores. Esses meios, empregados isolados ou em conjunto, podem compreender desde táticas de guerrilha, como emboscadas e atentados com explosivos a até ataques cibernéticos. Uma característica marcante dessas ameaças é a busca e capacitação, no uso de armas e tecnologia avançadas, visando a superioridade local e temporária contra um adversário convencional e superior. É esse o verdadeiro caráter disruptivo dessas ameaças.

³⁴ HOFFMAN, 2007, p. 28.

Devido ao aparecimento desse tipo de ameaça, nos campos de batalha do século XXI, as forças armadas ocidentais têm feito grande esforço para entender e combater esse tipo de adversário. O manual para adestramento de forças híbridas do Exército Estadunidense, TC 7-100.4 (2015), traz uma boa definição de ameaça híbrida:

Uma Ameaça Híbrida é a combinação diversa e dinâmica de forças regulares, forças irregulares e / ou elementos criminosos, todos unificados para alcançar efeitos mutuamente benéficos. Ameaças híbridas são inovadoras, adaptáveis, globalmente conectadas, em rede e embutidas na desordem das populações locais. Eles podem possuir uma ampla gama de tecnologias antigas, adaptadas e avançadas - incluindo a possibilidade de armas de destruição em massa (ADM). Eles podem operar de forma convencional e não convencional, empregando combinações adaptativas e assimétricas de táticas tradicionais, irregulares e criminosas e usando capacidades militares tradicionais de maneiras antigas e novas. (EUA, 2015, p. 1-1, tradução nossa).³⁵

As ameaças híbridas buscam saturar todo o ambiente operacional com diversas ações que apoiem seus objetivos e forcem seu oponente a responder diversas demandas. Um simples ataque não é suficiente para comprometer diversos recursos militares, degradar a capacidade intelectual ou restringir a liberdade de movimento. Entretanto a forma de atuação de ameaças híbridas pode simultaneamente criar instabilidade econômica, fomentar a falta de apoio num governo, atacar redes de informação, veicular mensagens e propagandas de suas ideologias, criar crises humanitárias além de atacar fisicamente seus oponentes. Uma diversidade de ações sinérgicas e sincronizadas poderão ter origem em vários domínios como o informacional, social, político, econômico e militar. Todo esse conjunto de ações terá como propósito demandar ao máximo o ciclo decisório do oponente de modo que ao ser saturado ele seja paralisado (EUA, 2015).

³⁵ Do original em inglês: *A Hybrid Threat is the diverse and dynamic combination of regular forces, irregular forces, and / or criminal elements all unified to achieve mutually benefitting effects. Hybrid Threats are innovative, adaptive, globally connected, networked, and embedded in the clutter of local populations. They can possess a wide range of old, adapted and advanced technologies, including the possibility of weapons of mass destruction (WMD). They can operate conventionally and unconventionally, employing adaptive and asymmetric combinations of traditional, irregular, and criminal tactics and using traditional military capabilities in old and new way.* (EUA, 2015, p. 1-1).

Observamos assim o caráter adaptativo dessa nova ameaça em variar no método e na forma de suas ações. O oponente híbrido começa a entender que o sucesso de suas ações se mede, não apenas pela destruição ou neutralização de seu adversário, mas também pela sua inação. John Boyd (1927-1997), no final da década de 1980, recomendava maximizar a fricção sobre o inimigo, por meio de ações variadas, com rapidez, de forma a deixá-lo incapaz de agir.³⁶ Essa estratégia foi internalizada por esse tipo de organização e vem sendo empregada contra o componente militar dos Estados, graças a tecnologia e informação disponíveis a qualquer um nos dias de hoje.

Outro ponto de importância é o significado que a dimensão do tempo tem para essas organizações. Observa-se daí que o resultado das batalhas não é tão importante que a conquista da vitória, ao final na guerra. O transcurso do tempo favorece às ameaças híbridas na medida em que ela continua sendo capaz de combater ao longo do tempo. A sobrevivência das Forças Vietcongues na Guerra do Vietnam (1954-1975)³⁷ confirmaram esse pensamento, ao impor às forças estadunidenses um resultado desfavorável. A vitória perante uma força superior não se mede pela quantidade de baixas infringidas ou sofridas, mas sim pela falta de apoio da opinião pública ou político face ao insucesso de suas ações (EUA, 2015).

3.3 MÉTODOS DE ATUAÇÃO HÍBRIDA

Os acadêmicos Cullen;Reichborn-Kjennerud (2017) ampliaram a análise de Hoffman (2007) sobre guerra híbrida. Observaram que a sistemática do *modus operandi* dessas ameaças, tomam por base instrumentos de poder em sua posse, divididos em: militar, político, econômico, civil e informacional.³⁸ A atuação assimétrica, também uma

³⁶ COUTAU-BEGARIÉ, 2010, p. 508.

³⁷ Apesar de unidades de combate estadunidenses só tiverem sido inseridas em 1965, assessores militares já estavam no país desde 1950 (BRITANICCA, 2021).

³⁸ Do original em inglês, MPECI: *Military, Political, Economic, Civilian, Information* (CULLEN; REICHBORN-KJENNERUD, 2017, p. 9).

característica dessas ameaças, será composta por um ou mais instrumentos de poder. O sucesso dessas ações se baseia na intensidade e combinação desses instrumentos. O Anexo A reproduz um gráfico que ilustra a variação na intensidade e combinação desses instrumentos. A lógica é que um conjunto de ações políticas, econômicas e informacionais de baixa intensidade por exemplo, pode ter mais sucesso do que ações ofensivas isoladas, de alta intensidade.³⁹

Para se visualizar o funcionamento de um Estado, podemos partir da análise de seu ambiente operacional, a partir de sua divisão em sistemas e subsistemas. De acordo com o manual estadunidense JP 2-01-3 (2014), essa divisão obedece aos seguintes campos: político, militar, econômico, social, informação e infraestrutura.⁴⁰ O sistema social pode ser dividido em indivíduos e organizações enquanto a infraestrutura pode englobar usinas hidroelétricas e cidades por exemplo.⁴¹ A partir dessa divisão poderão ser listadas vulnerabilidades que fatalmente serão exploradas pelas organizações híbridas. Similar ao conceito de Centro de Gravidade⁴², essas vulnerabilidades se tornarão alvos das ações dessas organizações. Caso haja sucesso em descontinuar alguma função crítica de um determinado Estado, poderá acarretar a ruptura de seu governo, por exemplo.

Esse método, pode ser exemplificado, imaginando-se uma organização híbrida atuando dentro de um estado hipotético, a fim de alcançar certos objetivos. Suponha que essa organização inicie suas ações utilizando-se do instrumento militar, tendo como alvo uma usina hidrelétrica (sistema infraestrutura). Os efeitos de uma sabotagem poderiam ser sentidos ou alastrados para outros sistemas. No social, poderia ser observado inquietação e pânico da população. No econômico, poderia ser ocasionado a paralisação do comércio e indústria.

³⁹ CULLEN; REICHBORN-KJENNERUD, 2017, p. 11-12.

⁴⁰ Do acrônimo original, em inglês PMESII: *Political, Military, Economic, Social, Information, Infrastructure* (EUA, 2014).

⁴¹ De acordo com Cullen; Reichborn-Kjennerud (2017), os sistemas PMESII são chamados de funções críticas.

⁴² Centro de Gravidade é definido como principal fonte de força, poder e resistência que confere ao contendor, em última análise, liberdade de ação ou vontade de lutar (BRASIL, 2020d, p. 215).

Culminando no político, sendo visualizado por manifestações públicas de desaprovação ou conflitos entre governo e oposição. A partir desse primeiro movimento, o atacante pode variar suas ações através de instrumentos informacionais, implantando falsas notícias na mídia ou em redes sociais. No campo cibernético, também relacionado com o ambiente informacional, pode inclusive desferir ciberataques contra sites ou sistemas do governo. Toda essa gama de ações tem um único propósito, que é o de desestabilizar ainda mais a imagem do governo e colocar em dúvida a sua capacidade de resposta.⁴³

A estrutura de resposta de um Estado, contra esse tipo de estratégia híbrida, se torna bastante complexa em termos de meios e capacidades. Uma integração dos instrumentos de poder de uma Nação torna-se decisivamente necessária, para se contrapor a flexibilidade e versatilidade das ações dessas organizações híbridas.

⁴³ O exemplo segue o raciocínio da teoria de Cullen; Reichborn-Kjennerud (2017).

4 AS GUERRAS DE GAZA

As Forças de Defesa de Israel (FDI) vem ganhando grande experiência no enfrentamento de ameaças híbridas como as Organizações do Hamas e Hezbollah em ambiente urbano. Particularmente em relação aos conflitos contra os palestinos é importante conhecer um pouco do cenário e a história que envolve esses dois povos.

4.1 A FAIXA DE GAZA

A região da Palestina, habitada há mais de quinze séculos antes de cristo, tem sido dominada por diversos povos ao longo de sua história. A partir do século XVI até o fim da Grande Guerra (1914-1916) foi controlada pelo Império Otomano. Com o fim da IGM, a região passou a ser controlada pelo Reino Unido, fazendo parte do Mandato Britânico na Palestina. Em 1948, após a proclamação do Estado de Israel na região, é iniciada uma guerra entre árabes e judeus, denominada de Guerra Árabe-Israelense (1948). Com a vitória israelense, o povo palestino é dividido em duas regiões, Cisjordânia e Faixa de Gaza, sendo essa última controlada pelo Egito.⁴⁴

Durante a Guerra dos Seis Dias (1967), Israel captura toda a região da Sinai, até as margens do Canal de Suez. A Faixa de Gaza permanece sob o controle israelense desde então, até ser parcialmente transferida para a Autoridade Palestina⁴⁵ (AP), por meio de acordos de Oslo assinados entre 1993 e 1999. A repressão israelense aos palestinos sempre foi grande nos territórios ocupados, tanto em Gaza como na Cisjordânia. Decorrente do duro controle israelense, ocorreram picos de tensão entre palestinos e judeus, dando origem a violentas

⁴⁴ THE WORLD FACTBOOK, 2021.

⁴⁵ Autoridade Palestina (AP) foi uma organização governamental formada a partir da Organização para Libertação da Palestina (OLP), com o objetivo de administrar as regiões cedidas por Israel, em Gaza e Cisjordânia para os palestinos (GATTAZ, 2003, p. 181).

manifestações, chamadas de *Intifadas*⁴⁶. A Primeira *Intifada* (1987-1991)⁴⁷ e Segunda *Intifada* (2001- 2005)⁴⁸ resultaram num grande número de mortos e feridos, principalmente no lado palestino. Uma das causas dessas manifestações foi o fracasso das negociações com Israel, na década de 90, resultando na perda do apoio palestino a Yasser Arafat⁴⁹ (1929-2004) e a AP. Além desse fato, a forte repressão de Israel nas duas Intifadas, facilitou o surgimento de grupos islâmicos e marxistas palestinos, como o Hamas, a Jihad Islâmica (JI) e a Frente Popular para Libertação da Palestina (FPLP).⁵⁰

Ao final de 2005, o governo de Israel toma a decisão de retirar soldados e colonos da Faixa de Gaza, de forma unilateral. Entretanto continua a controlar suas fronteiras terrestres e marítimas, além do espaço aéreo sobrejacente. Em 2006, o Hamas conquista a maioria do Conselho Legislativo Palestino, o que resultou em discordâncias políticas com o Fatah⁵¹, facção política dominante na Cisjordânia. A falha em formar um governo unificado entre os palestinos, levou o Hamas a conquistar, após violentos confrontos, todas as instituições militares e governamentais da Faixa de Gaza em 2007.

Além da ala militar do Hamas, existem várias outras organizações paramilitares, como a Brigada *Al-Quds* da Jihad Islâmica, mas que nem sempre operam coordenadas.⁵²

4.2 O HAMAS

O Hamas foi criado em 1987, no início da Primeira *Intifada* e até 2005 era conhecido com a principal organização terrorista contra Israel. A partir da tomada do poder na Faixa de Gaza, em 2007, tem se dedicado à prestação de serviços sociais, como a construção

⁴⁶ *Intifada*, do verbo árabe *intafada*, pode ser traduzido como “sacudir-se” ou “levantar-se” (GATTAZ, 2003, p. 172).

⁴⁷ GATTAZ, 2003, p. 172-179.

⁴⁸ ARAJ, 2021.

⁴⁹ Líder político da Organização para Libertação da Palestina desde 1974 até sua morte em 2004 (COHEN *et al.*, 2017, p. 22).

⁵⁰ GATTAZ, 2003, p. 208.

⁵¹ Partido político da Autoridade Palestina (GATTAZ, 2003, p. 198).

⁵² THE WORLD FACTBOOK, 2021.

de escolas, clínicas e instituições de caridade, de forma a conquistar o apoio popular entre os palestinos. A organização possui como seu líder político Ismail Haniyeh (1963-), desde 2006. É constituído por um órgão consultivo central, além de outros menores para administrar suas atividades políticas, militares e sociais, inclusive possuindo um canal de televisão local (*Al-Aqsa TV*) (THE WORLD FACTBOOK, 2021).

A ala militar é composta pelas Brigadas *Izz al-Din al-Qassam*, com um efetivo estimado em 20.000 homens (2020). Seus membros têm a capacidade de operar uma variedade de armas como fuzis, metralhadoras, morteiros, mísseis antiaéreos, anticarro e explosivos improvisados. A organização destaca-se pela operação de foguetes com variados alcances (alguns com mais de 100km).⁵³ Suas principais táticas envolvem emboscadas e sequestros de civis e militares utilizando-se de armas portáteis e explosivos, além do lançamento de foguetes e granadas de morteiro contra cidades israelenses. A logística da organização é baseada no contrabando por via marítima ou terrestre, particularmente proveniente do Egito, tendo como principal apoiador o Irã.⁵⁴

4.3 A EVOLUÇÃO DO CONFLITO

Desde 2001 vários grupos paramilitares vêm disparando projéteis entre Gaza e Israel. No princípio, eles eram simples foguetes improvisados e morteiros de baixa potência e curto alcance. Entretanto, essas armas foram evoluindo tecnologicamente, graças ao contrabando pelas fronteiras de Gaza. O esforço desses grupos de romper o isolamento físico imposto por Israel ao redor de Gaza, levou a construção de uma variada rede de túneis. Os primeiros deles, construídos na fronteira com o Egito em *Rafah*, iniciaram o fluxo de armas e produtos contrabandeados. Mais tarde, outros foram construídos em direção a Israel, com o

⁵³ THE WORLD FACTBOOK, 2021.

⁵⁴ De acordo com Gabi Siboni (KURZ; BROM (Ed.), 2014, p. 28).

propósito de servirem de vias de acesso aos ataques terroristas e sequestros de civis e militares (KURZ; BROM (Ed.), 2014).

A retirada de militares e civis da Faixa de Gaza, em 2005, e tomada do poder pelo Hamas em 2007, resultou no aumento da corrida armamentista e no número dos ataques palestinos. Como resposta, Israel lançou três grandes operações contra o Hamas até o fim de 2014: Operação *Cast Lead* (de dezembro de 2008 a janeiro de 2009), Operação *Pillar of Defense* (em novembro de 2012) e a Operação *Protective Edge* (de julho a agosto de 2014).⁵⁵

No Natal de 2008, o Hamas lançou cerca de 132 foguetes contra Israel, marcando dessa forma os primeiros atos de agressão do que seria chamada a *Primeira Guerra de Gaza*. A Operação *Cast Lead* é lançada com o propósito de reestabelecer um ambiente seguro ao Sul de Israel. As ações da FDI têm início com uma maciça campanha de ataques aéreos, contra alvos previamente selecionados, que surpreende o Hamas. Em 03 de janeiro de 2009, as FDI iniciam uma campanha terrestre com o objetivo de destruir os locais de lançamento de foguetes. Essa operação se encerra em 17 de janeiro, resultando em grande destruição da infraestrutura civil, como escolas, delegacias de polícia e fábricas. Entretanto grande parte dos integrantes e a liderança do Hamas conseguem escapar com vida (COHEN *et al.*, 2017).

Em março de 2011, o Hamas reinicia seus ataques com foguetes contra Israel, quebrando o cessar fogo estabelecido desde janeiro de 2009. A volta das agressões muito se deveu a pressão de outros grupos islâmicos sobre o Hamas, por não se acharem na obrigação de respeitar esse cessar fogo. A Força Aérea Israelense (FAI) responde com ataques aéreos, visando os lançadores e instalações do Hamas. Durante esse período, entrou em cena a principal contramedida antiaérea de Israel, as baterias de mísseis *Iron Dome*. Entre outubro e novembro de 2012, houve uma escalada da violência, tanto palestina quanto israelense. Entre 11 e 13 de novembro, o Hamas lançou mais de 200 foguetes, incluindo granadas de morteiro

⁵⁵ De acordo com Gabi Siboni (KURZ; BROM (Ed.), 2014, p. 27).

disparados em direção às cidades de *Ashod* e *Ashkelon*, ao sul de Israel. A Operação *Pillar of Defense* foi lançada no dia 14 de novembro, tendo como primeiro alvo o líder da ala militar do Hamas. Essa operação teve a particularidade, de contar somente com ataques aéreos e de fogo naval, que buscaram destruição dos lançadores de foguetes, infraestrutura e liderança do Hamas. A operação se encerrou em 21 de novembro de 2012, sem ter feito uso de forças terrestres, que se encontravam desdobradas ao redor da Faixa de Gaza. (COHEN *et al.*, 2017).

4.4 A OPERAÇÃO *PROTECTIVE EDGE*

A Operação *Protective Edge* teve início em 8 de julho de 2014, em resposta a mais um episódio de lançamentos de foguetes e outras ações ofensivas do Hamas, através da rede de túneis em Gaza.⁵⁶ Dessa vez, o conflito era encarado de forma diferente pelos dois lados. Para Israel, a ação era mais um enfrentamento contra uma das diversas organizações antagônicas ao seu Estado. Mais uma vez, buscava garantir sua segurança por um período mais longo até o próximo combate. Para o Hamas significava lutar pela sua própria sobrevivência. A organização encontrava-se em grave crise econômica e isolada politicamente, vendo nesse combate uma maneira de manter-se no poder.⁵⁷

A operação que durou 50 dias, foi a mais intensa e sangrenta dentre os confrontos passados entre palestinos e judeus. Conforme os eventos anteriores, ela foi precedida por pela intensificação de lançamentos de foguetes e ações assimétricas do Hamas e os já consagrados ataques aéreos contra alvos pré-selecionados de Israel. Ela foi dividida em três fases: campanha aérea (08 julho a 4 de agosto), campanha terrestre (17 de julho a 4 de agosto) e uma fase final de interdição aérea (5 a 26 de agosto).⁵⁸

⁵⁶ De acordo com Daniel Rubenstein (GOODMAN; GOLD (Ed.), 2015, p. 153).

⁵⁷ De acordo com Udi Dekel (KURZ; BROM (Ed.), 2014, p. 13).

⁵⁸ COHEN *et al.*, 2017, p. 69.

O planejamento da operação se baseou nas experiências e lições aprendidas nas operações anteriores, bem como nos dados de inteligência disponíveis. Em 2014, a ala militar do Hamas era estimada em cerca de 25.000 a 30.000 combatentes. Esse efetivo era organizado nas chamadas brigadas (*Al-Qassam*) em torno de 2.500 a 3.000 homens cada, distribuídas em áreas designadas de Gaza. Possuíam organização similar a unidades de infantaria e eram equipadas com diversas armas portáteis, rifles de precisão, morteiros e armas anticarro (COHEN *et al.*, 2017).

As FDI foram organizadas numa Força Conjunta, composta por elementos da Marinha Israelense (MI), Exército Israelense (EI) e Força Aérea Israelense (FAI)⁵⁹. O componente terrestre era composto por unidades do EI, do Comando Regional Sul⁶⁰, que desdobrou três divisões, sendo uma delas completamente blindada. Além disso contava com diversas unidades de operações especiais, de reconhecimento e de engenharia, que desempenharam papel crucial na neutralização dos túneis em Gaza. No computo total, as FDI possuíam vantagem numérica de 3:1 sobre o Hamas, além de poder de combate superior no que se refere ao apoio aéreo, de artilharia e inteligência. Não existiam dúvidas de mais uma vitória de Israel, mas sim qual seria seu preço.⁶¹ O Anexo B mostra a disposição das tropas no terreno ao redor da Faixa de Gaza.

A primeira fase repetiu o mesmo conceito do emprego da arma aérea empregada em 2012, na *Pillar of Defense*. Fiel à estratégia estadunidense *Shock and Awe*⁶², a operação foi planejada para começar com intensos ataques aéreos de forma a se criar condições favoráveis para o início do avanço terrestre. Apenas nos primeiros dois dias foram lançadas cerca de 550 missões de bombardeio. De 8 a 16 de julho, foram conduzidos mais de 1.700

⁵⁹ Ver Anexo B para o organograma da Força Conjunta da Operação *Protective Edge*.

⁶⁰ Israel possui quatro comando militares: Norte, Central, Sul e Defesa Civil (IDF, 2021).

⁶¹ COHEN *et al.*, 2017, p. 87.

⁶² A estratégia estadunidense *Shock and Awe* visa eliminar a vontade do adversário de lutar, pelo emprego maciço de ataques de precisão em seus elementos essenciais do poder militar (COUTAU-BEGARIÉ, 2010, p. 509).

ataques, que visaram a degradação da infraestrutura de comando e controle (C2) e bélica do Hamas. A FAI teve como alvos armazéns e fábricas de munição, sistemas de lançamento de foguetes, centro de comando e controle, base militares, além dos próprios líderes do Hamas.⁶³

Entretanto o sucesso da campanha aérea de 2012 não se repetiu em 2014, pois a organização palestina tinha se preparado melhor para esse conflito. Apesar da quantidade de ataques aéreos e de apoio de fogo naval, a capacidade de C2, lançamento de foguetes e disparos de morteiro não foi alterada significativamente. O Hamas literalmente se escondeu embaixo da terra, graças a ampliação do seu sistema de túneis.⁶⁴ A lista de alvos iniciais foi esgotada em três dias de operação, o que gerou um enorme esforço para o reconhecimento de novos alvos. A necessidade de operar conforme o direito internacional, no que tange minimizar os danos colaterais, dificultou ainda mais as ações. Muitos dos centros de C2, plataformas de lançamento e concentrações de combatentes que foram reconhecidos estavam localizados perto de instalações civis, com o objetivo claro de maximizar danos colaterais e deslegitimar as ações israelenses.⁶⁵

A segunda fase da operação teve como objetivo neutralizar a rede de túneis utilizada para lançar ataques, às cidades israelenses ao redor de Gaza. Essa tática palestina pode ser observada através de um desses episódios ocorridos no início da campanha. Em 17 de julho, 13 combatentes palestinos emergiram de um túnel localizado apenas a 1,5km da comunidade israelense de *Sufa*. Apesar de todos terem sido neutralizados pela FDI, o evento causou pânico na população local, alertando Israel para o potencial da ameaça.⁶⁶ Dessa forma, ofensiva terrestre foi orientada para localizar as entradas e neutralizar os túneis direcionados a Israel. Nesse sentido o avanço terrestre do EI foi de cerca de 6km dentro da Faixa de Gaza,

⁶³ De acordo com Daniel Rubenstein (GOODMAN; GOLD (Ed.), 2015, p. 122).

⁶⁴ YADLIN, 2014.

⁶⁵ COHEN *et al.*, 2017, p. 94.

⁶⁶ ICT, 2014.

porém foi o responsável por cerca de 72% da destruição da área construída no caminho das tropas.⁶⁷

O uso de túneis pelo Hamas não era novidade para Israel, tendo inclusive alguns sido neutralizados em outras ocasiões. A construção desses túneis criou uma indústria que mobilizava grande número de trabalhadores e recursos. Tinham basicamente três funções: ofensiva, defensiva e contrabando. Os de natureza ofensiva visavam a infiltração de combatentes pela fronteira com Israel. Os defensivos ligavam vários pontos de Gaza de forma a manter a liberdade de movimento do Hamas. Os de contrabando eram localizados na fronteira com o Egito, com a finalidade de manter o apoio logístico da organização. Todos eles formavam uma intrincada rede subterrânea de comunicação dentro da Faixa de Gaza. A complexidade dessa rede subterrânea impôs um grande desafio para as FDI. Os túneis eram difíceis de localizar, reduziam a vantagem tecnológica das forças israelenses além de demandarem grande esforço das unidades de forças especiais e de engenharia na sua neutralização (COHEN *et al.*, 2017).

O avanço terrestre se deu em três grandes frentes: norte, central e sul.⁶⁸ Na frente central, se destaca o ataque à cidade de *Shuja'iya* entre 19 e 20 de julho. A inteligência israelense estimava um total de 800 a 900 combatentes palestinos, além de existirem pelo menos seis túneis em direção a Israel, oriundos dessa cidade. Dois batalhões de infantaria da Brigada *Golani* foram destacados para realizar a limpeza da cidade.⁶⁹ A preparação para o assalto se deu três dias antes, em 16 de julho, quando as FDI lançaram vários panfletos por aeronaves, avisando a população local do avanço da tropa. Mesmo que o objetivo fosse diminuir o dano colateral entre a população, dando tempo para que se retirassem, também deu

⁶⁷ De acordo com Hirsh Goodman (GOODMAN; GOLD (Ed.), 2015, p. 6).

⁶⁸ Ver Anexo B.

⁶⁹ COHEN *et al.*, 2017, p. 103.

oportunidade ao Hamas de melhorar suas posições defensivas.⁷⁰ Essa medida acabou por não surtir efeito, o que dificultou o apoio aéreo antes da incursão terrestre.

O avanço foi marcado por intenso fogo de armas automáticas e uso de armas anticarro pelo Hamas. Várias casas se encontravam armadilhadas no caminho da tropa dificultando as tarefas de limpeza. A resistência palestina foi responsável por produzir considerável número de baixas e perdas de blindados israelenses.⁷¹ Um método defensivo usado por Israel foi o uso do sistema *Trophy* instalados nos blindados e carros de combate. Esse sistema possui a função de detectar e neutralizar projéteis ainda em voo, mesmo que lançados a curto alcance.⁷² A neutralização da resistência palestina na cidade só foi possível após decisão de se utilizar apoio de artilharia. Foram disparados um grande volume de granadas de artilharia que muitas vezes chegaram a menos de 100 m das tropas. Ao final da batalha, em 20 de julho, as FDI contabilizaram 13 mortos contra 65 mortos e 288 feridos no lado palestino, incluídos mulheres, crianças e idosos.⁷³ O resultado da batalha foi muito criticado pela comunidade internacional, pelo extenso dano colateral causado, destacando-se a ONU e EUA.⁷⁴

A frente Norte, apesar de não ter enfrentado a mesma resistência que as outras frentes, destacou-se por um evento bastante contestado na mídia e comunidade internacional. Em 24 de julho, uma escola da *United Nations Relief and Works Agency* (UNRWA) foi destruída, decorrente de um ataque aéreo, na cidade de *Beit Hanoun*. As baixas foram estimadas em 15 palestinos mortos, além de 200 feridos. Israel não assumiu formalmente a

⁷⁰ De acordo com David Benjamin (GOODMAN; GOLD (Ed.), 2015, p. 53-54).

⁷¹ LAPIN, 2014.

⁷² O *Trophy* é um sistema ativo designado para defender blindados de armas anticarro (RAFAEL, 2021).

⁷³ COHEN *et al.*, 2017, p. 106.

⁷⁴ De acordo com Hirsh Goodman (GOODMAN; GOLD (Ed.), 2015, p. 15).

autoria do ataque, porém não descartou a possibilidade. Afirmou ainda que a cidade havia sido evacuada e que o Hamas poderia ter sido também o culpado pela destruição.⁷⁵

Na frente Sul, destaca-se a atuação da 84ª Brigada *Givati* em dois eventos bastante particulares da operação. O primeiro foi o avanço na cidade de *Khuza'a* onde a imprensa internacional e Organizações Não Governamentais (ONG) acusaram Israel de assassinato de civis na operação. A operação resultou num grande nível de dano colateral, particularmente pelo uso da aviação e a permanência da população no local. Entretanto foram descobertos, ao fim da batalha, vários locais utilizados pelo Hamas, como mesquitas e escolas, para armazenagem de armas e munições.⁷⁶ O segundo evento se desdobrou com o sequestro do Segundo Tenente Hadar Goldin, após sua fração ter sido emboscada por combatentes do Hamas. Nesse evento, o EI evocou a diretiva *Hannibal*, que tem por propósito a tomada de qualquer medida necessária para prevenir algum sequestro de seus militares, mesmo que coloque a vida do mesmo em risco. A partir desse fato, as FDI utilizaram uma sucessão de ataques aéreos, barragens de artilharia e com o intuito de bloquear as possíveis rotas de fuga palestinas.⁷⁷ A cidade de *Rafah*, na fronteira com o Egito, foi bastante atingida pelas ações desse protocolo. A diretiva resultou em cerca de 40 ataques aéreos, 1.000 granadas de artilharia, além dos usos de várias outras armas que resultaram na destruição de extensas áreas urbanas. A Anistia Internacional acusou Israel de ter feito uso desproporcional da força, estimando em cerca de 29 a 140 palestinos mortos no processo.⁷⁸

A terceira fase entrou em ação após o cessar fogo de 72 horas, proposto pelo Egito, em 05 de agosto. Apesar da retirada das tropas da FDI de Gaza, nenhum dos lados

⁷⁵ Uma das estratégias do Hamas é posicionar civis ao redor de suas infraestruturas como escudos humanos, contra os ataques israelenses. Outra possibilidade é o dano colateral causado pelas armadilhas do Hamas contra as tropas israelenses, que fatalmente acabam atingindo a população palestina. De acordo com Dore Gold (GOODMAN; GOLD (Ed.), 2015, p. 36).

⁷⁶ COHEN *et al.*, 2017, p. 117.

⁷⁷ De acordo com Alan Baker (GOODMAN; GOLD (Ed.), 2015, p. 70).

⁷⁸ COHEN *et al.*, 2017, p. 118.

conseguiu respeitar os diversos acordos propostos pelo Egito, entre 05 e 18 de agosto.⁷⁹ Ainda continuaram sendo disparados foguetes em direção a Israel, que eram interceptados com sucesso pelo *Iron Dome*. Em resposta, a FDI continuou com sua campanha aérea, tendo como alvos principais as lideranças do Hamas, conforme visto no ataque à residência de Mohammed Deif (1965-), comandante da ala militar do Hamas – a Brigada *Al-Qassam*.⁸⁰

Em 26 de agosto foi assinado um acordo de cessar fogo em definitivo pelas duas partes sendo mediado pelo Egito. Os resultados desse confronto foram: 50 dias de operação, 4.258 foguetes disparados pelo Hamas, 735 interceptações pelo sistema Iron Dome, 5.226 ataques aéreos, 32 túneis destruídos, 74 israelenses mortos, 836 feridos.⁸¹ As baixas palestinas foram estimadas em 2.133 palestinos mortos e 11.100 feridos.⁸²

4.5 OUTRAS FRENTES DE BATALHA

Além das fronteiras convencionais, a Operação *Protective Edge* foi combatida em outras frentes como a inteligência, a jurídica e a de informação⁸³. A inteligência direcionou a campanha, no que tange o levantamento de alvos. A jurídica foi observada pelos vetos de alguns dos ataques a esses alvos, de forma a amenizar a crítica internacional e o uso excessivo da força. Enquanto, a informação realizou grande esforço na guerra de narrativas e na defesa do domínio cibernético. Ambos parte da dimensão informacional, de grande importância para a manutenção da capacidade de decisão e opinião pública favorável às ações de ambos os lados.

⁷⁹ De acordo com Daniel Rubenstein (GOODMAN; GOLD (Ed.), 2015, p. 160).

⁸⁰ ICT, 2014.

⁸¹ De acordo com Udi Dekel (KURZ; BROM (Ed.), 2014, p. 13).

⁸² OCHA, 2014.

⁸³ As operações de informação consistem no emprego coordenado das capacidades relacionadas à informação (CRI), onde as principais são: Operações Psicológicas (Op Psico), Ações de Guerra Eletrônica (GE), Defesa Cibernética, Comunicação Social e Assuntos Cívicos (BRASIL, 2020d, p. 193).

Desde a Operação *Cast Lead* (2009), as FDI fizeram um grande esforço para aumentar a capacidade de inteligência no nível tático, com o objetivo de aumentar a consciência situacional dentro de suas brigadas. Entretanto o trabalho de Inteligência teve diversas falhas ao longo da campanha de 2014. Em primeiro lugar houve falhas no levantamento e análise da rede de túneis do Hamas e seu potencial ofensivo. O uso de túneis já era conhecido por Israel, desde o sequestro de um militar israelense em 2006.⁸⁴ Uma outra falha foi a incorreta avaliação da capacidade do Hamas, particularmente no nível de resistência e arsenal do grupo. A falta de prioridade que Israel dava ao Hamas, em detrimento do Hezbollah pode explicar os erros de avaliação da Inteligência israelense.⁸⁵

Os assessores jurídicos das FDI foram bastante demandados, para avaliar os engajamentos de alvos e suas possíveis interferências ao Direito Internacional Humanitário (DIH). A tarefa foi extremamente dificultada pela estratégia do Hamas de posicionar instalações e pessoal, dentro de áreas civis. A distinção entre combatentes e não combatentes era prejudicada pela falta de uniforme ou sinais característicos. Isso se dava muitas das vezes, pela observação do porte ou operação de armas. Diversos alvos legítimos, como lançadores de foguetes e posições de morteiro, eram localizados ao redor de construções civis, como hospitais ou escolas. Muitos desses alvos foram atacados pela FAI, destruindo outras instalações e causando a morte de civis. De forma a minimizar esses danos colaterais, foi comum o uso de medidas preliminares, como o lançamento de panfletos por aeronaves, mensagens de texto por celular ou ligações telefônicas. Outra forma encontrada para se obter uma maior proporcionalidade no uso da força, foi a escolha de plataformas e sistemas de armas de menor capacidade destrutiva (KURZ; BROM (Ed.), 2014)

⁸⁴ O Soldado Gilad Shalit foi sequestrado em 2006 e permaneceu prisioneiro por cinco anos pelo Hamas. Foi solto em 2011 em troca de 1207 combatentes palestinos, presos em Israel. De acordo com Hirsh Goodman (GOODMAN; GOLD (Ed.), 2015, p. 9).

⁸⁵ COHEN *et al.*, 2017, p. 141.

O campo das Operações de Informação (Op Info), foi bem visualizado pela guerra de narrativas na mídia, desempenhada por ambos os lados e os constantes ataques cibernéticos palestinos e de seus aliados.

As violações do DIH pelo Hamas são evidentes, quando observada sua estratégia de posicionar sua infraestrutura bélica dentro de instalações civis. Entretanto a organização desempenhou grande esforço em desempenhar seu papel como vítima do julgo israelense. Várias filmagens e reportagens foram editadas para mostrar a violência das FDI e as vítimas de seus ataques. Com a dificuldade de se relatar a veracidade dos fatos ou pela falta de acesso aos locais das batalhas, a narrativa imposta pelo Hamas ganhou força pelos veículos de mídia.⁸⁶ Em contrapartida, Israel utilizou sua Comunicação Social (ComSoc) de forma a rebater a narrativa palestina, tentando aproximar a imprensa de suas operações e de sua perspectiva no conflito, de forma incipiente, inclusive pelo uso de mídias sociais.

O Hamas e seus apoiadores conduziram vários ataques cibernéticos contra Israel no decorrer da campanha de 2014. A maioria de seus apoiadores se localizavam em países muçulmanos, com destaque para o Irã. Esses ataques tinham o objetivo de sobrecarregar o sistema de comunicação e internet de Israel, com o intuito de prejudicar o sistema de C2 israelense. Essas ações foram responsáveis por colocar fora do ar, mais de 1.000 sites, além de possibilitarem o roubo de dados pessoais nacionais israelenses.⁸⁷ Foram utilizadas, inclusive, notícias falsas do jornal israelense *Haaretz* e da Agência de Segurança Israelense (ISA)⁸⁸, com esse objetivo. Durante a operação, Israel manteve uma estrutura de defesa cibernética ativada, englobando tanto as capacidades militares (FDI), governamentais (ISA), além do apoio de empresas civis.⁸⁹

⁸⁶ De acordo com Hirsh Goodman (GOODMAN; GOLD (Ed.), 2015, p. 15-16).

⁸⁷ COHEN *et al.*, 2017, p. 142.

⁸⁸ Do inglês *Israeli Security Agency (ISA)*.

⁸⁹ De acordo com Daniel Cohen e Danielle Levin (KURZ; BROM (Ed.), 2014, p. 61-62).

5 SÍNTESES DOCTRINÁRIAS

Ao observarmos as operações militares de Israel contra o Hamas na Faixa de Gaza, podemos correlacionar vários pontos de aderência com a Doutrina de Combate Urbano e a Teoria da Guerra Híbrida. O objetivo dessa seção é analisar a validade atual das duas bases teóricas frente a experiência israelense contra um ator híbrido no campo de batalha, além de apontar oportunidades de melhoria para os mesmos.

5.1 DOCTRINA DE COMBATE URBANO

Como enfatizado pelo manual de combate urbano CGCFN-401, o adestramento da tropa para operar numa área urbana é de vital importância para a sobrevivência do combatente e o cumprimento da missão. Israel tem enfrentado combates urbanos constantemente, principalmente após a Segunda *Intifada* (2002) e a Segunda Guerra do Líbano (2006).⁹⁰ Após a análise desses eventos, as FDI decidiram construir no deserto de *Negev* um Centro de Treinamento de Combate Urbano chamado de *Baladia*. O propósito do centro é preparar os militares israelenses para enfrentar combatentes palestinos e libaneses nos futuros confrontos, em áreas urbanas. A área de treinamento é composta por cerca de 600 estruturas civis que representam mesquitas, edifícios, escolas, além de vielas e ruas no estilo de cidades árabes.⁹¹

O ambiente urbano é único quando cobra do atacante a preocupação com todas as dimensões do combate, seja aérea, de superfície e subterrânea. As cidades que compõem a Faixa de Gaza foram e continuam sendo o fator chave para a sobrevivência do Hamas e de outras organizações palestinas. Os ataques da FAI tiveram certo sucesso na neutralização da infraestrutura e liderança do Hamas desde 2002, a época da Segunda *Intifada*, até 2014, ao

⁹⁰ IDF, 2011.

⁹¹ BETZ, 2015.

final da Operação *Protective Edge*. Entretanto esse sucesso se desfaz numa visão mais estratégica se for observado que não houve queda na atividade dessa organização. O Hamas internalizou muito mais as lições aprendidas nos conflitos passados, quando decidiu operar e se abrigar no subterrâneo, através de sua rede de túneis. Essa estratégia palestina potencializou a característica defensiva do ambiente urbano sendo capaz de neutralizar a vantagem tecnológica e de poder de combate de Israel.

Apesar de Gaza pertencer ao território de Israel, o faseamento previsto para operações militares em áreas urbanas possui certo paralelo com as fases da Operação *Protective Edge*. A fase doutrinária do isolamento pode ser materializada pela constante vigilância que Israel mantém na faixa de Gaza, através das cercas e muros que a cercam⁹², além dos postos de controle em suas entradas. Também podem ser incluídas nessa fase, o desdobramento de outras unidades terrestres, pertencentes a outros comandos israelenses para a ofensiva terrestre. A fase do avanço pode ser correlacionada com ações de apoio aéreo da FAI e apoio de fogo naval pela MI, junto com o desdobramento das forças terrestres. E finalmente, a fase da limpeza pode ser evidenciada pelas incursões do EI nas cidades de Gaza.

A fase da limpeza da Operação *Protective Edge* foi essencial para se confirmar as dificuldades do atacante frente a um adversário fortificado por uma área urbana. As batalhas de *Shuja'iya e Khuza'a* foram alguns dos exemplos do aproveitamento do terreno na defensiva. Em ambas as localidades, os combatentes do Hamas utilizaram todo o tipo de construção, como escolas e mesquitas, para estabelecer posições de armas automáticas, atiradores de precisão e observadores de armas de tiro curvo. A curta distância dos combates foi particularmente vantajosa ao Hamas, pelo sucesso que tiveram em impor baixas nas tropas e neutralizar blindados do EI. Tanto o uso de armas menos sofisticados, como granadas

⁹² Israel iniciou a construção de cercas e muros ao redor da faixa de Gaza em meados da década de 1990 (COHEN *et al.*, 2017, p. 18).

anticarro de curto alcance e explosivos improvisados, como de outras mais avançadas como mísseis anticarro, foram bastante eficientes pela curta distância dos engajamentos.

O apoio aéreo amplamente utilizado pelas FDI, produziu efeitos limitados durante a operação, conforme visualizado pela doutrina. A utilização de munições inteligentes teve certo sucesso em neutralizar sistemas de armas, além de eliminar alguns líderes do Hamas. Porém diferente da Operação *Cast Lead* (2009), não obtiveram sucesso em reduzir as ações da organização. Além disso, foi um dos maiores causadores de danos colaterais pela dificuldade de distinção de alvos e da tática de utilização de escudos humanos do Hamas, apesar das medidas preventivas das FDI. Outro apoio importante foi o uso de ARP tanto para as tarefas de reconhecimento, quanto para as de apoio de fogo. O número de equipamentos utilizados na operação, em 2014, foi superior ao de outras campanhas, contribuindo para o aumento da consciência situacional e integração das forças.⁹³

O apoio de artilharia foi amplamente empregado na fase da limpeza das cidades palestinas, sendo o principal instrumento do apoio cerrado aos elementos em primeiro escalão. Entretanto, como visto em *Shuja'iyah* e durante a diretiva *Hannibal*, as barragens de artilharia foram responsáveis por altos índices de dano colateral. A limitação de observação dos fogos, a proximidade de combatentes e não combatentes, foi mais uma vez evidenciada, mostrando a dificuldade de uso desse apoio. O resultado foi a extensa destruição de construções civis, além do grande número de mortos e feridos civis palestinos, vítimas das granadas de artilharia.

O apoio blindado foi crucial para que a campanha terrestre não resultasse numa quantidade de baixas significativa no EI. Caso contrário, resultaria na perda do apoio da opinião pública israelense. Nesse aspecto se destacam o uso dos carros de combate *Merkava* e blindados de transporte de tropa *Namer*, os mais modernos do inventário do EI. Esses

⁹³ De acordo com Cohen *et al.* (2017) a grande quantidade de ARP em 2014, foi o verdadeiro diferencial para as ações de reconhecimento.

blindados contribuíram para a multiplicação do poder de choque e proteção blindada das tropas de infantaria. A utilização de medidas ativas de proteção *Trophy*, apesar da pouca quantidade, permitiu que muito dos ataques de armas anticarro fossem neutralizados, mesmo realizados a curta distância.

A engenharia foi amplamente utilizada na neutralização da rede de túneis do Hamas, além das tarefas de apoio a mobilidade da tropa. A ameaça e complexidade dos túneis, fez com que Israel especializasse algumas de suas unidades de engenharia para essa atividade. Pelo perigo que a manutenção de tropas de apoio ao combate em Gaza representaria, não é visualizado o emprego da engenharia do EI em tarefas de apoio humanitário. Esse tipo de emprego, conforme o exemplo estadunidense em 2008, mostrou-se válido na conquista do apoio local, mesmo não sendo visualizado pela doutrina.

A guerra do ciberespaço cada vez mais ganha foco, pela relativa facilidade e possíveis danos que essas ações podem gerar. As ações cibernéticas podem ser consideradas ameaças estratégicas, pois além de poder atingir o poder militar, tem a capacidade de atingir outras vertentes do Poder Nacional, como o econômico e o científico-tecnológico. Em termos da coordenação das ações militares, o uso dessa arma pode reduzir a capacidade de decisão, por ter como alvo o sistema de C2 de uma Força. O sucesso das ações cibernéticas inimigas, também podem demandar a divisão de uma força em tarefas de segurança de retaguarda e controle de danos, em detrimento das ações ofensivas. A doutrina de combate urbano poderia ser revista nesse assunto por extrapolar a complexidade do ambiente urbano, incluindo uma nova dimensão para o planejamento das ações.

A doutrina vigente já possui referências sobre a atenção a ser dada pelos assessores jurídicos e comandantes no que tange ao Direito Internacional Humanitário (DIH). Israel foi amplamente criticada em suas ações na Faixa de Gaza pelo uso excessivo da força e não observância do princípio da proporcionalidade. Os números de mortos e feridos palestinos

em comparação aos israelenses não deixam dúvidas quanto a isso. Inclusive esse fato é amplamente utilizado na guerra de narrativas, na tentativa de deslegitimar as ações israelenses. Apesar de contrário ao direito internacional, o dano colateral é amplamente visualizado pela doutrina, particularmente pela complexidade do ambiente e dificuldade de distinção de combatentes e não combatentes. A observação dos princípios do DIH é de grande importância para a legitimação das OMAU.

Apesar da MI não possuir um Corpo de Fuzileiros Navais, seu constante apoio às operações é crucial no litoral da Faixa de Gaza. Muitos de seus navios são empregados no constante bloqueio naval que Israel impõe na região, de forma a impedir o contrabando, em especial o de armas. Outra tarefa desempenhada é o apoio de fogo naval, em complemento ao apoio aéreo e de artilharia, além de plataforma para infiltração de elementos de operações especiais pelo mar.

5.2 TEORIA DE GUERRA HÍBRIDA

O Hamas conseguiu evoluir de uma simples organização terrorista, à época da Primeira *Intifada*, para um ator não estatal bem mais relevante e estruturado, como visto pela ascensão ao poder na Faixa de Gaza em 2007. A organização vem ao longo dos anos, construindo seus instrumentos de poder militar, político, econômico, civil e informacional.⁹⁴ Essa evolução é em parte atribuída ao apoio em treinamento e armas, principalmente oriundas do Irã. Esses instrumentos, mesmo que limitados pela assimetria perante Israel, vem conseguindo certo sucesso em atingir os sistemas do Estado israelense.⁹⁵

Os instrumentos político, econômico e civil conseguem ser mais bem visualizados pela manutenção da influência na Faixa de Gaza, em detrimento da AP. O campo político e

⁹⁴ Conforme descrito no capítulo 2: *Military, Political, Economic, Civilian, Information* (MPECI) (CULLEN; REICHBORN-KJENNERUD, 2017).

⁹⁵ Conforme o capítulo 2, os sistemas de análise do ambiente operacional de um Estado são: político, militar, econômico, social, informação e infraestrutura (PMESII).

civil tem grande contribuição na conquista da opinião pública internacional e palestina, este o vendo como a única opção viável para o estabelecimento de um Estado Palestino independente.

Por meio do domínio das instituições palestinas em Gaza, o Hamas consegue controlar os escassos recursos econômicos da região além da ajuda humanitária internacional direcionada à região. Por esse motivo, o instrumento econômico pode ser observado, não como um instrumento de ataque à Israel, mas como forma de disponibilizar e controlar os escassos recursos, para financiar suas atividades e ações ofensivas.

O instrumento militar é o mais fácil de ser observado, pela constante evolução de suas capacidades bélicas ao longo do tempo. O Hamas consegue operar diversos sistemas de armas comuns em arsenais de exércitos regulares, tais como mísseis anticarro guiados e morteiros de diversos calibres. Entretanto suas ações ofensivas se destacam pela utilização de foguetes de diversos calibres e alcances.⁹⁶ Seu arsenal conta com foguetes que podem atingir alvos entre 40km a 160km, com modelos de diversas origens, como Irã e Síria, até outros desenvolvidos localmente em Gaza. Durante a campanha de 2014, foram disparados mais de 4.500 foguetes contra Israel, sendo que 3.600 atingiram áreas desertas, 200 tiveram lançamento malsucedidos. O sistema de mísseis *Iron Dome* interceptou 735 foguetes, tendo 225 munições conseguido atingir áreas construídas.⁹⁷

Outra tática utilizada, tanto para a sua sobrevivência quanto para a execução de ações ofensivas, é a rede de túneis de Gaza. Esse meio ampliou ainda mais a complexidade do combate num ambiente urbano, por incluir a dimensão subterrânea. Para se ter uma ideia dessa capacidade, em 2013 foi descoberto um túnel que se estendia da Gaza até a cidade israelense de *Ein HaShlosha*, com cerca de 1 km de extensão. Esse túnel estava numa

⁹⁶ Ver Anexo C.

⁹⁷ O número de interceptações do Iron Dome foi citado por Yiftah S. Shapir (KURZ; BROM (Ed.), 2014, p. 44).

profundidade entre 22 a 18 metros e sua construção foi estimada em 10 milhões de dólares.⁹⁸ Somente uma organização possuindo uma significativa organização e administração de recursos seria capaz de construir estruturas subterrâneas tão complexas. O Anexo C mostra um pouco da capacidade não convencional do Hamas, bem caracterizado pela rede de túneis e seus foguetes de diversos alcances.

O instrumento informacional é materializado pelo emprego de Op Psico, de Guerra Cibernética e a Comunicação Social, balanceando a assimetria de meios de combate em relação à Israel. A guerra cibernética, em parte apoiadas por atores externos estatais e grupos de *hackers* internacionais, busca de certa forma prejudicar a capacidade decisória israelense, dividindo os esforços e meios no combate contra seus integrantes. As ações do Hamas em 2014, não apenas visaram a degradação do sistema de C2 das FDI, mas atacaram sites do governo, além de apoiar a campanha de desinformação da mídia. As Op Psico, junto com a Com Soc atuam em consonância para promover sua propaganda, tendo como alvos, o público palestino, o público árabe e a audiência internacional. O primeiro com o objetivo de manter a opinião pública interna favorável, mostrando ser a única solução contra Israel. O segundo com o propósito de manter sua imagem de vítima do povo árabe, mantendo assim o apoio logístico de que necessita. O terceiro público-alvo, a opinião pública internacional, objetiva deslegitimar as ações ofensivas das FDI, pelo uso desproporcional da força. Esse último tendo dois propósitos diferentes: minimizar os danos à organização pela limitação dos meios empregados pela FDI e reforçar o apoio ao levantamento do bloqueio israelense ao redor de Gaza.

⁹⁸ Custo estimado por Cohen *et al.* (2017) por meio de entrevistas com oficiais das FDI.

5.3 O COMBATE URBANO E A GUERRA HÍBRIDA

Conforme foi observado pela síntese da teoria com a realidade, as ações israelenses em GAZA encontram alinhamento com doutrina de OMAU, no que se refere aos aspectos reativos ao combate propriamente dito. Mesmo que exista vantagem do Hamas, na defensiva, contra as ações ofensivas das FDI, a tecnologia foi fator fundamental para que a quantidade de baixas israelenses não fosse alta. O sistema *Trophy*, instalado nos blindados israelenses foi um exemplo desse fato.

Ao observarmos os aspectos legais e informacionais, a doutrina vigente parece não atentar para importância desses temas. Os foguetes e as ações através dos túneis do Hamas, não só produziram baixas civis e militares, mas também promoveram o pânico entre as comunidades israelenses próximas à Gaza, impactos econômicos pelo fechamento do comércio e do aeroporto internacional, além de aumentar as medidas de segurança nas concentrações de tropa das FDI.

O campo informacional se torna um verdadeiro diferencial contra às ameaças híbridas. A guerra de narrativas entre palestinos e judeus, serviu para ambos proclamarem a vitória ao final do conflito. Israel promoveu o discurso que tinha golpeado a organização palestina mais uma vez, mantendo a segurança no Sul do país e mantendo a dissuasão à organização. Já o Hamas se vangloriou por ter mantido um conflito de 50 dias contra o exército mais forte do Oriente Médio, além de causar pânico, destruição e prejuízos à Israel. Isso serviu para promover a manutenção do apoio palestino à organização em contraste às críticas internacionais ao demasiado uso da força por Israel.

O combate contra organizações híbridas em terreno complexo como o urbano, levam o combate a outro patamar de dificuldade. Uma força que esteja envolvida nesse tipo de operação, deverá possuir meios de combate e apoio ao combate preparados e idealizados para esse fim. Entretanto outras capacidades se tornam tão importantes como as citadas, como

as de inteligência, jurídicas e de informação. A disputa pela opinião pública, tanto interna e externa, torna-se crucial para a legitimação das ações de uma Força Organizada. Esse somatório de capacidades necessárias, talvez seja mais bem evidenciada em forças conjuntas. O emprego das FDI é um verdadeiro exemplo desse fato, visto que em todas as operações em Gaza, pode-se observar a divisão de tarefas entre as três forças.

O combate contra ameaças híbridas cobra ações mais criativas e talvez não convencionais para evitar que elas aprendam e se preparem para ações futuras. Uma vitória decisiva é muito difícil de se impor, pois além de levar tempo, o inimigo vai procurar sobreviver até o próximo embate. Dessa forma devem ser visualizadas operações mais limitadas em meios e no tempo, mas bem difundidas e informadas pela mídia. Pequenas vitórias militares, melhor exploradas, podem trazer resultados estratégicos e políticos mais eficientes e duradouros.

6 CONCLUSÃO

Como um dos ambientes mais complexos de se operar, as cidades vêm ganhando cada vez mais ênfase pela importância socioeconômica que possuem. Mais importante ainda são as cidades litorâneas, pela influência que exercem no ambiente marítimo. Nesse contexto, a tarefa de projetar poder sobre terra protagonizada pelo Poder Naval, encontra nas OMAU, um ambiente único e desafiador de suas capacidades. A complexidade do cenário urbano, local de desenvolvimento particular das operações terrestres de caráter naval, consegue ser ainda maior frente a um eventual adversário híbrido, contrário a nossas ações.

Partindo dessa linha de pensamento, o trabalho foi estruturado em relacionar a Doutrina de OMAU do CFN com o modelo teórico de Guerra Híbrida, face a um oponente híbrido. Através da experiência israelense na Faixa de Gaza, contra o Hamas pode-se observar os desafios do ambiente urbano, somados ao emprego de métodos de combate convencionais e não convencionais. Dessa forma foi levantada uma pergunta de pesquisa, que objetivou analisar se a Doutrina de OMAU do CFN está alinhada as ações militares de Israel em 2014, no que tange a Guerra Híbrida.

Na primeira seção procurou-se enfatizar as características das áreas urbanas, em especial as localizadas na faixa costeira. Dada a sua infraestrutura voltada para o mar, como portos, indústria naval e pesqueira, é inegável a sua importância para as operações desenvolvidas por forças navais. Como vetores da projeção de poder, as tropas de fuzileiros navais ganham especial protagonismo em ações dentro dessas áreas. Contudo, esse particular ambiente terrestre demanda adiestramento, preparação, execução e equipamento especializado para o cumprimento de suas tarefas. Daí a importância da observação da doutrina de operação nesse ambiente, ressaltando as principais vantagens e desvantagens da geografia urbana. O sucesso das ações de combate depende em grande parte do correto uso dos elementos de apoio ao combate, como aviação, artilharia, blindados e outros.

Na segunda seção foi descrita parte do pensamento teórico sobre a Guerra Híbrida, difundida por Frank G. Hoffman, em 2007 e que vem sendo expandida ao longo dos anos por outros acadêmicos. As ações flexíveis e versáteis desse tipo de oponente, não são apenas dirigidas contra o sistema militar de um Estado, mas se expandem para outros como o político, informacional e social por exemplo. Uma simples ação militar de uma organização híbrida pode atingir ou se alastrar por vários sistemas. Inicialmente pode provocando baixas e destruição de infraestruturas sensíveis. Evoluindo posteriormente para provocar manifestações e perda da opinião pública de um governo.

Na terceira seção foi exemplificada a dificuldade de emprego de uma força militar regular contra uma organização híbrida. Como exemplo, foi retratado a atuação de Israel, por meio de suas Forças de Defesa, as FDI, contra o Hamas na Faixa de Gaza. Dentre todas as Guerras de Gaza, uma das mais importantes pelo seu nível de complexidade, foi a campanha de 2014, a Operação *Protective Edge*. Os relatos existentes sobre essa operação, permitem se observar na prática todas as particularidades, possibilidades e limitações de operações num ambiente urbano, face a uma ameaça híbrida

Na quarta seção foi realizada uma síntese entre as ações das FDI em 2014, frente a doutrina de OMAU e a Teoria de Guerra Híbrida. No que se refere às OMAU, muito das ações israelenses encontram aderência ao que está preconizado na doutrina. Particularmente no que se refere utilização de apoios como aviação, armas de tiro curvo, blindados, engenharia e meios de inteligência. Entretanto cabe ressaltar que a doutrina empregada, não enfatiza outras frentes de batalha, que contribuem para o sucesso das ações no terreno. Sendo assim torna-se necessário detalhar outros campos como o jurídico e informacional, esse último bem demandado nas áreas de comunicação social e operações psicológicas.

No que se refere a teoria da Guerra Híbrida, a doutrina de OMAU atende em parte, no que se refere as ações táticas convencionais no terreno. Entretanto, a busca constante

por armas mais avançadas, uso de ações psicológicas e cibernéticas e o apoio da população local à essas organizações, aumentam a complexidade dessas operações. A grande necessidade de meios de combate e apoio ao combate, bem como de outros elementos especializados, acabam por demandar uma grande estrutura da força empregada. Muitas vezes só vista no emprego de forças conjuntas, como observado pelas operações desenvolvidas pelas FDI no terreno.

Ao fim dessa análise a resposta para a questão: Houve alinhamento entre a Doutrina de OMAU do CFN e as ações militares de Israel em 2014, no que tange a Guerra Híbrida? É afirmativa no campo das ações de combate e parcial em outras áreas de conhecimento. Como manual voltado para as ações de GptOpFuzNav em áreas urbanas, o CGCFN-401 discorre sobre muitas das possibilidades e limitações dos elementos de combate e apoio ao combate. O manual consegue ressaltar a predominância das ações defensivas, sobre as ofensivas, bem como as dificuldades impostas pelo terreno. Entretanto as considerações jurídicas e informacionais deveriam ser melhor ressaltadas, particularmente no que se refere as ameaças híbridas. Existe a necessidade de se incluir no problema militar, a importância do domínio cibernético e o informacional. Ambos com grande contribuição para o ciclo decisório, além da conquista e manutenção da opinião pública, durante o conflito. Não raro as FDI e o Hamas estiveram na mídia, sendo protagonistas de uma guerra de narrativas, procurando enfraquecer a imagem do oponente e legitimando suas próprias ações.

Finalizando, conclui-se que o sucesso nas OMAU frente a ameaças híbridas, irão demandar um maior número de capacidades num possível emprego do Poder Naval. As particularidades das áreas urbanas, somadas aos desafios dessas ameaças complexas, só serão vencidas com o emprego combinado e eficiente de meios navais, aeronavais e de fuzileiros navais. Se tornam assim igualmente importantes Ações de Cmb e ApCmb, bem como as da dimensão cibernética e informacional para o sucesso nessas operações.

REFERÊNCIAS

ARAJ, Bader. **Intifadah**. [S.l.]: Encycloepedia Britannica, Inc, 2021. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/intifadah>>. Acesso em: 16 jun. 2021.

BETZ, David. **Peering into the past and future of urban warfare in Israel**. [S.l.]: War on The Rocks, 2015. Disponível em: <<https://warontherocks.com/2015/12/peering-into-the-past-and-future-of-urban-warfare-in-israel/>>. Acesso em: 16 jun. 2021.

BRASIL. Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. CGCFN-0-1. **Manual Básico dos Grupamentos Operativos de Fuzileiros Navais**. Rio de Janeiro: Marinha do Brasil, 2020a. 57 p.

_____. Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. CGCFN-1-5. **Manual de Operações Terrestres de Caráter Naval**. Rio de Janeiro: Marinha do Brasil, 2020b. 201 p.

_____. Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. CGCFN-401. **Manual de Operações Militares em Ambiente Urbano de Fuzileiros Navais**. Rio de Janeiro: Marinha do Brasil, 2020c. 80 p.

_____. Estado Maior da Armada. EMA-305. **Doutrina Básica da Marinha**. Brasília: Marinha do Brasil, Ver 2, 2014. 102 p.

_____. Ministério da Defesa. MD30-M-01. **Doutrina de Operações Conjuntas**. Brasília: Ministério da Defesa, 2ª Ed, Vol I, 2020d, 241 p.

BALL, Joshua. **What is Hybrid Warfare?** [S.l.]: Global Security Review, 2019. Disponível em: <<https://globalsecurityreview.com/hybrid-and-non-linear-warfare-systematically-erases-the-divide-between-war-peace/>>. Acesso em: 16 jun. 2021.

BRISTOL, Jeffrey. **Hybrid War and What to Do About It**. [S.l.]: The Strategy Bridge, 2021. Disponível em: <<https://thestrategybridge.org/the-bridge/2021/4/21/hybrid-war-and-what-to-do-about-it>>. Acesso em: 16 jun. 2021.

BRITANNICA. **Spanish Civil War**. [S.l.]: Encycloepedia Britannica, Inc, 2021. Disponível em: <<https://www.britannica.com/event/Spanish-Civil-War>>. Acesso em: 16 jun. 2021.

COHEN, Raphael S. *et al.* **From Cast Lead to Protective Edge**. Santa Mônica, CA: RAND Corporation. 2017. 226p. Disponível em: <https://www.rand.org/pubs/research_reports/RR1888.html>. Acesso em: 14 abr. 2021.

COUTAU-BEGARIÉ, Hervé. **Tratado de Estratégia**, Rio de Janeiro: Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha, 2010. 410p.

JOHNSON, David E.; MARKEL, M. Wade; SHANNON, Brian. **The 2008 Battle of Sadr City**. Santa Mônica, CA: RAND Corporation. 2011. 164p. Disponível em: <https://www.rand.org/pubs/research_reports/RR160.html>. Acesso em: 14 abr. 2021.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Joint Chiefs of Staff. JP 2-01.3. **Joint Intelligence Preparation of the Operational Environment**. Washington: Joint Staff, 2014. 287 p.

_____. Joint Chiefs of Staff. JP 3-06. **Joint Urban Operations**. Washington: Joint Staff, 2013. 161 p.

_____. United States Army. TC 7-100. **Hybrid Threat**. Washington: Department of The Army, 2015. 74 p.

_____. United States Marine Corps. MCRP 12-10B.1. **Military Operations on Urbanized Terrain (MOUT)**. Washington: Department of The Navy, 2018. 371 p.

FRANÇA, Júnia Lessa et al. **Manual para normalização de publicações técnico-científicas**. 8. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007. 255 p. (Coleção Aprender).

GATTAZ, André. **A guerra da Palestina**: da criação do Estado de Israel à Nova Intifada. São Paulo: Usina do Livro, 2002. 239p.

GOODMAN, Hirsh; GOLD, Dore (Ed.). **The Gaza War 2014**: The War Israel Did Not Want and the Disaster It Averted. Jerusalem: Jerusalem Center for Public Affairs, 2015. 170p. Disponível em: < <https://jcpa.org/the-gaza-war-2014/>>. Acesso em: 16 jun. 2021.

HOFFMAN, Frank G. **Conflict in the 21st Century**: The Rise of Hybrid Wars. Arlington: Potomac Institute for Policy Studies, 2007. 72 p.

HINZ, Fabian. **Iran Transfers Rockets to Palestinian Groups**. Washington: Wilson Center, 2021. Disponível em: < <https://www.wilsoncenter.org/article/irans-rockets-palestinian-groups>>. Acesso em: 16 jun. 2021.

IDF. **Urban Warfare Training Center**: Simulating the Modern Battlefield. [S.l.]: Israel Defense Forces, 2011. Disponível em: <<https://www.idf.il/en/articles/training-and-preparation/urban-warfare-training-center-simulating-the-modern-battle-field/>>. Acesso em: 16 jun. 2021.

_____. **Regional Commands**. [S.l.]: Israel Defense Forces. 2021. Disponível em: <<https://www.idf.il/en/minisites/regional-commands/>>. Acesso em: 16 jun. 2021.

ICT. **Operation Protective Edge**: A Detailed Summary of Events. [S.l.]: International Institute for Counter-Terrorism, 2014. Disponível em:<<https://www.ict.org.il/Article/1262/Operation-Protective-Edge-A-Detailed-Summary-of-Events#gsc.tab=0>> Acesso em: 16 jun. 2021.

KONAEV, Margarita. **The Future of Urban Warfare in the age of Megacities**. Paris: Focus Stratégique. N° 88. Ifri, 2019. 56p. Disponível em: <<https://www.ifri.org/en/publications/etudes-de-lifri/focus-strategique/future-urban-warfare-age-megacities>>. Acesso em: 21 abr. 2021.

KURZ, Ana; BROM, Shlomo (Ed.). **The Lessons of Operation Protective Edge**. Tel Aviv: Institute for National Security Studies, 2014. 223p. Disponível em: <

<https://www.inss.org.il/publication/the-lessons-of-operation-protective-edge/>>. Acesso em: 14 abr. 2021.

LAPIN, Yaakov. Inside the IDF war in Shejaia to save southern Israel. **The Jerusalem Post**, Jerusalem, 28 jul. 2014. Disponível em: <<https://www.jpost.com/operation-protective-edge/inside-the-idfs-war-in-shejaia-to-save-southern-israel-369102>>. Acesso em: 16 jun. 2021.

OCHA. **Gaza Initial Rapid Assessment**. New York: United Nations Office for the Coordination of Humanitarian Affairs, 2014. Disponível em: <<https://www.un.org/unispal/document/auto-insert-204696/>>. Acesso em: 16 jun. 2021.

OLIKER, Olga. **Russia's Chechen wars 1994-2000: Lessons from urban combat**. Santa Mônica: RAND Corporation. 2001. 121p. Disponível em: < https://www.rand.org/pubs/monograph_reports/MR1289.html>. Acesso em: 14 abr. 2021.

RAFAEL. **Trophy Active Protection System for AFVs**. [S.l.:s.n.], 2021. Disponível em: <<https://www.rafael.co.il/worlds/land/trophy-aps/>>. Acesso em: 16 jun. 2021.

REICHBORN-KJENNERUD, Erik; CULLEN, Patrick. **What is Hybrid Warfare?** New York: Norwegian Institute for International Affairs, 2016. Disponível em: < <http://www.jstor.com/stable/resrep07978>>. Acesso em: 03 maio 2021.

SPECTOR, Ronald H. **Vietnam War**. [S.l.]: Encycloapedia Britannica, Inc., 2021. Disponível em: <<https://www.britannica.com/event/Vietnam-War>>. Acesso em: 16 jun. 2021.

THE OCEAN CONFERENCE. 1., 2017. New York. **Factsheet: People and Oceans**. New York: UN, 2007. 7 p. Disponível em: <<https://www.un.org/sustainabledevelopment/wp-content/uploads/2017/05/Ocean-fact-sheet-package.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2021.

THE WORLD FACTBOOK. **Gaza Strip**. [S.l.]: Central Intelligence Agency. 2021. Disponível em: < <https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/gaza-strip/>>. Acesso em: 16 jun. 2021.

TZU, Sun; GILES, Lionel. **The Art of War**. Rutland: Tuttle Publishing, 2008. 188 p.

UNCTAD. **Review of Maritime Transport**. Genebra: United Nations Conference on Trade and Development 2020. Disponível em: < <https://unctad.org/topic/transport-and-trade-logistics/review-of-maritime-transport>>. Acesso em: 26 abr. 2021.

UNHABITAT. **World Cities Report 2020**. Nairobi: United Nations Human Settlements Programme, 2020. Disponível em: < <https://unhabitat.org/World%20Cities%20Report%202020>>. Acesso em: 16 jun. 2021.

YADLIN, Amos. **Operation Protective Edge: The Goals and the Strategy to achieve them**. Insight N° 571. Tel Aviv: Institute for National Security Studies, 2014. Disponível em: < <https://www.inss.org.il/publication/operation-protective-edge-the-goals-and-the-strategy-to-achieve-them/>>. Acesso em: 16 jun. 2021.

ANEXO A

INSTRUMENTOS E MÉTODO DAS AMEAÇAS HÍBRIDAS

1. Instrumento de Poder.

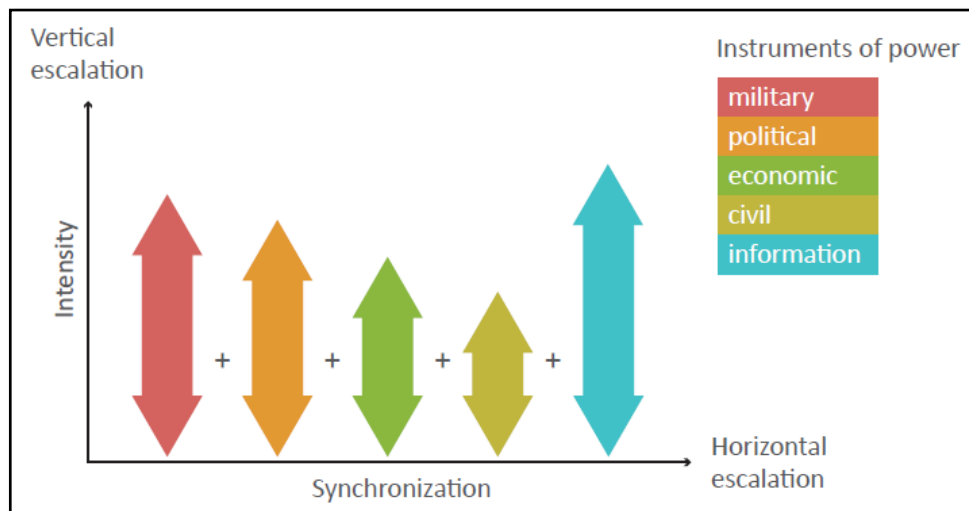


FIGURA 1 - Gráfico de Intensidade X Sincronização dos Instrumento de Poder Híbridos.
Fonte: CULLEN; REICHBORN-KJENNERUD, 2017, p. 9.

2. Método de Atuação.

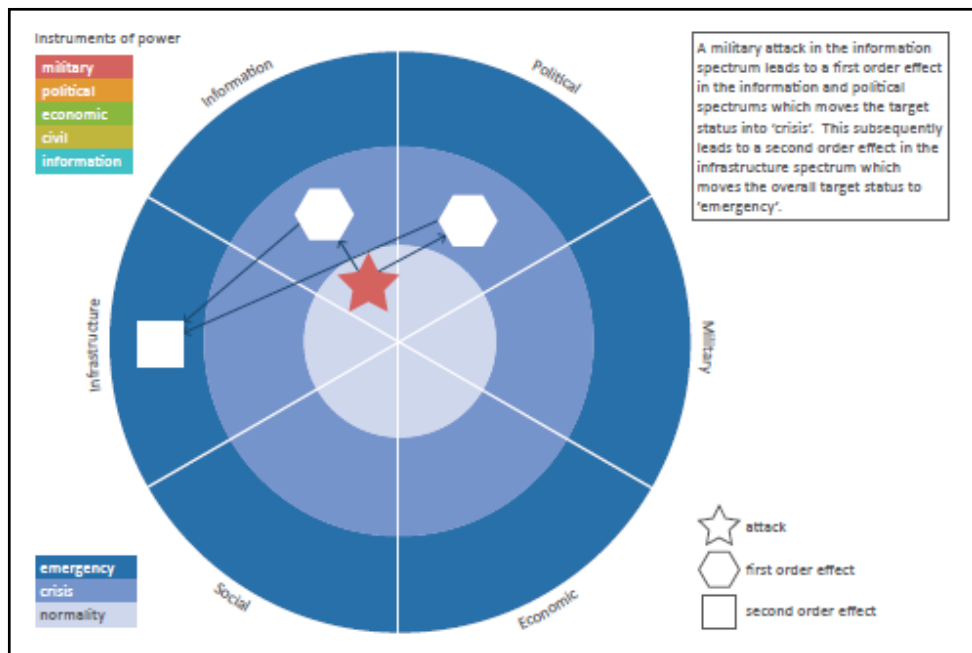


FIGURA 2 - Atuação primária e secundária das ameaças híbridas.
Fonte: CULLEN; REICHBORN-KJENNERUD, 2017, p. 14.

ANEXO B

O PLANEJAMENTO DA OPERAÇÃO *PROTECTIVE EDGE*

1. Organograma das Forças de Defesa de Israel

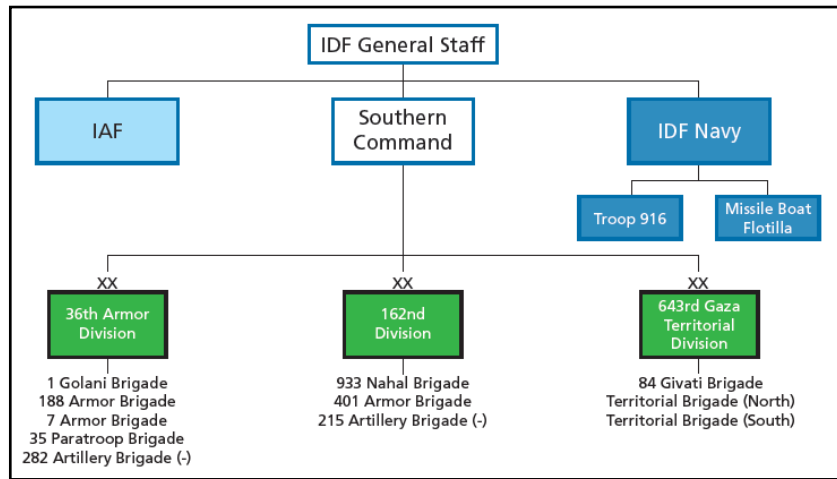


FIGURA 1 - Composição da Força Conjunta empregada na Operação *Protective Edge* (2014)
Fonte: COHEN, 2017, p. 86.

2. Esquema do avanço das Forças Terrestres

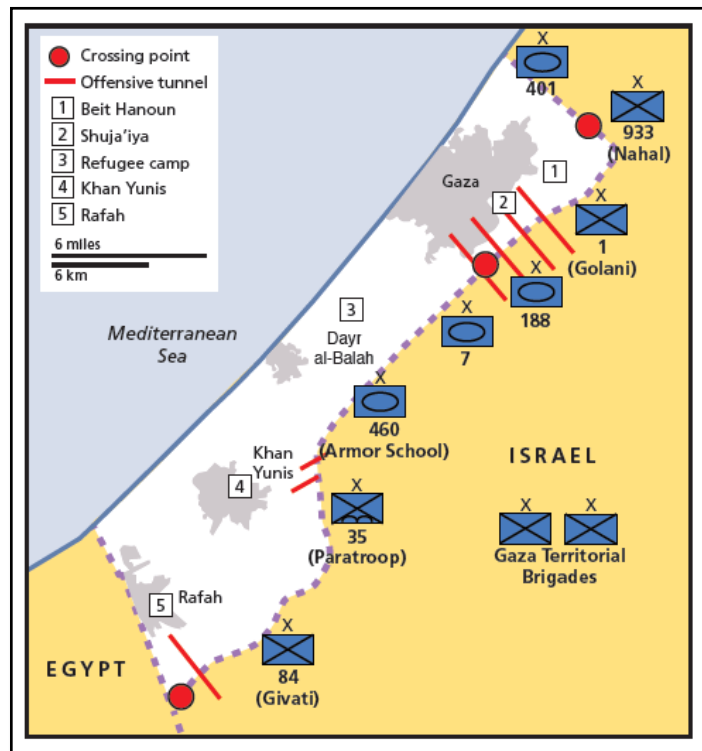


FIGURA 2 - Distribuição do Exército Israelense e pontos de entrada na Faixa de Gaza.
Fonte: COHEN, 2017, p. 89.

ANEXO C

CAPACIDADES NÃO CONVENCIONAIS DO HAMAS

1. Rede de Túneis.

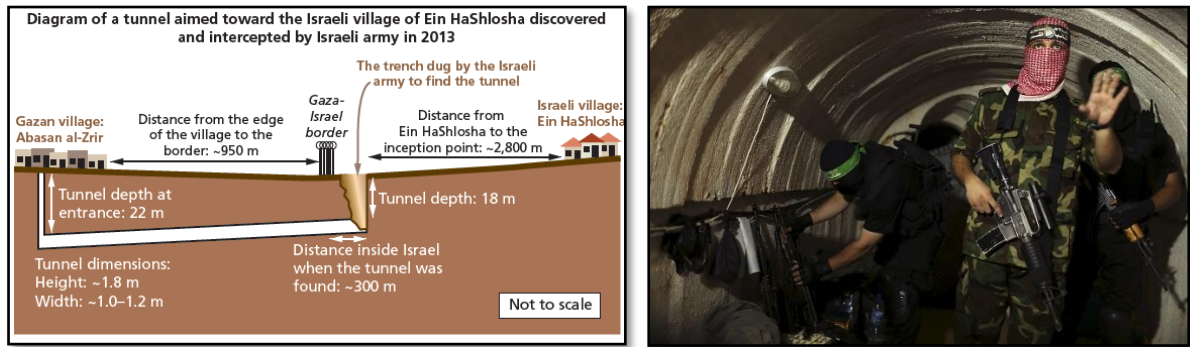


Figura 1: Diagrama dos túneis construídos pelo Hamas em Gaza.
Fonte: COHEN, 2017, p. 77.

2. Arsenal de Foguetes.

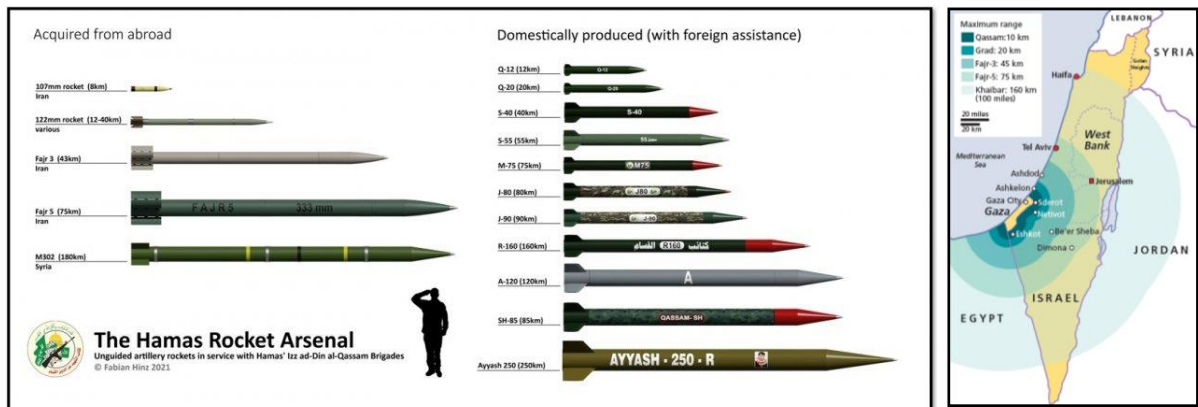


Figura 2: Tipos e alcances dos foguetes em uso pelo Hamas.
Fonte: HINZ, 2021.